

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Meia-Noite

MORTAL



BERTRAND BRASIL



Eve Dallas é chamada a investigar um corpo no Rockefeller Center muito cedo na manhã de Natal, ao que reconhece como a um distinto juiz. O corpo foi deixado depois de que o juiz foi torturado brutalmente e pendurado até morrer lentamente. Uma nota é deixada com o corpo, mas realmente não é necessária, já que Eve reconhece o trabalho do Dave Palmer, que ela ajudou a prender e encarcerar a três anos.

Dave Palmer é um psicopata e deixou uma lista daqueles aos que ele se propõe matar, com Eve por último. Também inclui o ajudante do Fiscal, seu advogado defensor, o presidente do júri, a própria policial, e a Dra. Mira, amiga de Eve. Roarke oferece sua ajuda e Eve aceita para dar a sua ajudante, Peabody, mais tempo para se recuperar de um ataque⁽¹⁾.

Enquanto Eve, Roarke, o capitão Feeney e outros inclusive Peabody finalmente perseguem pistas, entrevistam aos pais do Palmer, etc., Dave Palmer é tudo menos ocioso, pois começa a avançar metodicamente por sua lista para capturar, torturar e matar às pessoas que ele suspeita que foram responsáveis por sua condenação. A caça de Eve contra o relógio é emocionante.

Série Mortal

- 1 - Nudez Mortal
- 2 - Glória Mortal
- 3 - Eternidade Mortal
- 4 - Êxtase Mortal
- 5 - Cerimônia Mortal
- 6 - Vingança Mortal
- 7 - Natal Mortal
- 7,1 - Meia-noite Mortal
- 8 - Conspiração Mortal
- 9 - Lealdade Mortal
- 10 - Testemunha Mortal
- 11 - Julgamento Mortal
- 12 - Traição Mortal
- 12,1 - Interlúdio Mortal
- 13 - Sedução Mortal
- 14 - Reencontro Mortal
- 15 - Pureza Mortal
- 16 - Retrato Mortal
- 17 - Imitação Mortal
- 17,1 - Naquele Tempo
- 18 - Dilema Mortal
- 19 - Visão Mortal
- 20 - Sobrevivência Mortal
- 21 - Origem Mortal
- 22 - Recordação Mortal

Nora Roberts
escrevendo como
J. D. Robb

Meia-Noite

MORTAL

B
BERTRAND BRASIL

Capítulo Um

O assassinato não respeita tradições. Não leva em conta os sentimentos. Não tira férias.

Como o assassinato era sua profissão, a Tenente Eve Dallas estava parada no frio prévio do amanhecer da manhã de Natal, abrigada com suas luvas de couro forradas que seu marido lhe tinha presenteado horas atrás.

A chamada tinha chegado menos de uma hora antes e a menos de seis horas desde que tinha fechado um caso que a tinha deixado instável e esgotada. Seu primeiro Natal com o Roarke não começava de forma animadora.

Por outro lado, tinha sido ainda muito mais desagradável para o Juiz Harold Wainger.

Seu corpo tinha sido deixado no centro da pista de patinação do Rockefeller Center. Com o rosto virado para acima, seus olhos vidrados olhavam fixamente a enorme árvore decorada que era o símbolo de Nova York aos homens de boa vontade.

Seu corpo estava nu e já estava com uma profunda tonalidade de azul. A espessa juba de cabelo prateado que tinha sido sua marca registrada, havia sido cortada grosseiramente. E embora seu rosto estivesse severamente machucado, não teve nenhum problema em reconhecê-lo.

Sentou-se em sua sala do tribunal dezenas de vezes em seus dez anos na força policial. Ele tinha sido, pensou, um homem sólido e estável, com discernimento tanto dos canais escorregadios da lei como respeito por sua natureza.

Agachou-se para olhar mais de perto as palavras que tinham sido queimadas profundamente em seu peito.

NÃO JULGUE, PARA QUE VOCÊ NÃO SEJA JULGADO

Esperava que as queimaduras tivessem sido feitas depois de sua morte, mas duvidava.

Ele tinha sido espancado impiedosamente, os dedos de ambas as mãos estavam quebrados. Feridas profundas ao redor dos punhos e tornozelos indicavam que ele tinha sido amarrado. Mas não tinha sido o espancamento ou as queimaduras que o matou.

A corda usada para pendurá-lo estava ainda ao redor de seu pescoço, profundamente enterrada na carne. Inclusive, concluiu que não tinha sido rápido. Não parecia que seu pescoço estivesse quebrado, e os vasos sangüíneos

arrebetados em seus olhos e no rosto assinalavam um lento estrangulamento.

— Ele queria que você vivesse o maior tempo possível — murmurou — Ele queria que sentisse tudo.

Ajoelhando-se, ela estudou a nota escrita à mão que se agitava alegremente com vento. Tinha sido fixada sobre a virilha do juiz como um obsceno tapa sexo. A lista de nomes tinha sido impressa em letras maiúsculas cuidadosamente escritas.

JUIZ HAROLD WAINGER

PROMOTORA PÚBLICA STEPHANIE RING

DEFENSOR PÚBLICO CARL NEISSAN

JUSTINE POLINSKY

DOUTORA CHARLOTTE MIRA

TENENTE EVE DALLAS

— Me deixou por último, Dave?

Ela reconheceu o estilo: alegre, imposição eufórica de dor seguida de uma morte lenta e tormentosa. David Palmer desfrutava de seu trabalho. Seus experimentos, como os tinham chamado quando Eve finalmente o tinha apanhado três anos atrás.

Quando o tinha posto na prisão, tinha assassinado oito vítimas, e com elas uma extensa coleção de discos que registravam seu trabalho. Desde então estava cumprindo oito prisões perpétuas, que Wainger lhe tinha dado em uma prisão de segurança máxima para deficientes mentais.

— Mas você escapou, não é, Dave? Este é seu trabalhinho. A tortura, as humilhações, as queimaduras. Um lugar público no qual deixou o corpo. Nenhum imitador. Empacote-o. - ordenou e se levantou esgotada.

Não parecia que os últimos dias de dezembro de 2058 fossem de muita celebração.

Imediatamente ela estava de volta em seu carro, e ordenou calor em temperatura máxima. Tirou as luvas e esfregou as mãos sobre o rosto. Teria que ir ao arquivo de relatórios, mas apesar de ser sua primeira responsabilidade, não podia esperar para chegar ao escritório de sua casa. Diabos se ela passaria o Dia de Natal na Central de Polícia.

Usou o comunicador para ficar em contato com o departamento e arrumar que cada nome da lista fosse notificado do possível perigo. Natal ou não, solicitaria guardas uniformizados para cada um.

Enquanto conduzia, usou o computador.

— Computador, estado de David Palmer, presidiário deficiente mental em instalação penitenciária Rexal.

Trabalhando.... David Palmer, condenado a oito prisões perpétuas consecutivas nas instalações do planeta Rexal, teve fuga relatada enquanto era transportado para à enfermaria da prisão, em dezenove de dezembro. Perseguição em curso.

— Suponho que Dave decidiu vir para casa para as festas. — Olhou para cima franzindo o cenho, quando cruzou um pequeno dirigível, ressonando com canções natalinas enquanto o amanhecer surgia sobre a cidade. Que eu seja anjo mensageiro pensou, e chamou a seu comandante.

— Senhor — disse quando a cara do Whitney alagou em sua tela — Sinto perturbar seu Natal.

— Já fui informado sobre o Juiz Wainger. Era um bom homem.

— Sim, senhor, ele era. — Ela observou que Whitney estava vestindo um roupão — de magnífica cor vinho, que imaginou tinha sido presente de sua esposa. Roarke sempre lhe dava presentes extravagantes. Perguntou-se se Whitney estaria tão desconcertado por isso como ela usualmente o estava — Seu corpo foi transferido para o necrotério. Tenho as provas lacradas e estou caminho do meu escritório agora.

— Eu teria preferido outra pessoa neste caso, Tenente. — Viu o brilho cansado em seus olhos, e as olheiras em tão marrom dourado. Ainda assim, o rosto dela, com seus ângulos acentuados, o firme queixo com sua covinha, a boca generosa, que não sorria, permanecia fria e controlada.

— Você pretende me tirar do caso?

— Você acabou de sair de uma investigação difícil e perigosa. Sua ajudante foi atacada.

— Não chamarei a Peabody — disse rapidamente — teve o bastante.

— E você não?

Abriu a boca, e a fechou outra vez. Reconheceu que estava em terreno perigoso.

— Comandante, meu nome está na lista.

— Exatamente. Mais uma razão mais para que saia.

Parte dela queria... a parte que queria, negativamente, para colocá-la de lado por todos os dias, para ir para casa e ter o tipo normal de Natal que ela nunca tinha experimentado. Mas ela pensou em Wainger, despojado de toda vida e toda dignidade.

— Segui a pista do David Palmer, e o detive. Foi minha detenção e ninguém conhece o interior de sua mente como eu.

— Palmer? — A ampla sobrelanceira do Whitney se franziu — Palmer está na prisão.

— Não está mais. Fugiu dia dezanove. E está de volta, Comandante. Poderi dizer que reconheci sua assinatura. Os nomes da lista — continuou, forçando seu argumento — Estão todos conectados. Wainger o julgou. Stephanie Ring foi a Promotora. Cicely Towers processou o caso, mas já está morta. Ring a assistiu. Cai Neissan foi seu advogado designado pelo tribunal quando Palmer recusou-se a contratar seu próprio advogado, Justine Polinsky foi o presidente do júri. A Doutora Mira o consultou e testemunhou contra ele no processo. Eu o prendi.

— Os nomes da lista devem ser notificados.

— Já providenciei senhor, e lhes pedi proteção. Eu posso puxar os dados dos arquivos na unidade de minha casa para refrescar minha memória, mas está bastante fresca. Não se esquece alguém como David Palmer. Outro detetive teria que começar desde o começo, ocupando tempo que não temos. Conheço esse homem, como trabalha como ele pensa. O que ele quer.

—O que ele quer Tenente?

—O que sempre quis. Reconhecimento por ser um gênio.

—O caso é seu, Dallas — disse Whitney depois de um longo silêncio—
“Feche-o”.

—Sim, senhor.

Ela cortou a transmissão enquanto entrava pelo portão da assombrosa propriedade de Roarke que agora era seu lar.

A geada da tempestade da noite anterior resplandecia como seda prata nos ramos nus. Os arbustos ornamentais de sempre brilhavam com ele. Mais à frente, a casa se elevava e se propagava uma elegante fortaleza, um testemunho do princípio do século com as suas belíssimas pedras, e sua grande extensão de vidro.

Na sombria penumbra da manhã, as árvores magnificamente decoradas brilhavam em várias janelas. Roarke, pensava com um sorriso, tinha adquirido muito do espírito Natalino.

Nenhum deles em suas vidas tinha tido o costume de decorar com presentes alegremente embrulhados e empilhados embaixo de lindas árvores. Suas infâncias tinham sido sórdidas, e o tinham compensado de maneiras diferentes. A dele tinha sido adquirir propriedades, fazer-se um dos homens mais ricos e poderosos do mundo. Por qualquer meio disponível. E ela tinha sido tomar o controle, fazer-se parte do sistema que tinha falhado quando era menina.

A dela era a lei. A dele era — ou tinha sido — evitar a lei.

Agora, quase um ano desde que outro assassinato os tinha posto no mesmo caminho, eram uma equipe. Perguntou-se se alguma vez entenderia como o tinham

obtido.

Deixou seu veículo na frente da casa, subiu os degraus e atravessou a porta para a tipo de riqueza da qual lhe pareciam uma fantasia. Madeira antiga polida, vidro brilhante, tapetes antigos delicadamente conservados, e arte pelo qual os museus teriam suspirado.

Tirou sua jaqueta, e já começava a atirá-la sobre o corrimão. Logo, apertando os dentes, retrocedeu e a pendurou. Summerset, o mordomo do Roarke, e ela, tinham declarado uma trégua tácita em sua guerra declarada. Não haveria nenhum ataque durante o Natal, decidiu.

Poderia dominar-se se ele podia.

Só ligeiramente agradecida porque não escorregou no vestíbulo e a desaprovou como normalmente fazia, dirigiu-se ao salão principal.

Roarke estava ali, sentado ao lado do fogo, lendo a cópia da primeira edição do Yeats que lhe tinha dado de presente. Tinha sido o único presente que tinha sido capaz de pensar para o homem que não só tinha tudo, mas também possuía quase a maior parte das fábricas que o produziam.

Olhou-a, e sorriu. Seu estômago revoou, como freqüentemente fazia. Só um olhar, um sorriso, e seu corpo começava a tremer. Ele parecia tão perfeito... ela pensava. Estava vestido casualmente para o dia, de negro, seu longo e magro corpo, relaxava em uma poltrona provavelmente feito a duzentos anos atrás.

Tinha a rosto de um Deus com intenções levemente perversas, ardentes olhos azuis irlandeses e uma boca criada para destruir o controle de uma mulher. O poder se fundia atrativamente nele, tão elegante e atrativo, pensou Eve, como a elegante cascata de cabelo negro que quase roçava seus ombros.

Fechou o livro, deixou o de lado, e estendeu uma mão para ela.

— Sinto muito, eu tive que sair. — Se aproximou dele, e uniu seus dedos com os seus —. Estou contrariada já que terei que subir e trabalhar, ao menos por umas horas.

— Tem um minuto pra mim?

— Sim, talvez. Apenas. — E se deixou cair em seu colo. Permitiu-se fechar os olhos e simplesmente fundir-se ali, em seu aroma e sua sensação — Não é exatamente o tipo de dia que tinha planejado.

— Isso é o que consigo por me casar com uma policial. — O sotaque Irlandês cantou sigilosamente em sua voz, uma melodia poética, e sedutora — Por te amar — acrescentou, e inclinou seu rosto para beijá-la.

— É um péssimo negocio agora.

— Não é assim como me sinto. — Passou seus dedos por seu curto cabelo castanho — É o que quero Eve, a mulher que deixa sua casa para cuidar dos mortos.

E a que sabia o que uma cópia do Yeats significaria para mim.

— Sou melhor com os mortos que comprando presentes. Se não, teria chegado com mais de um.

Ela olhou a pequena montanha de presentes sob a árvore... presentes que lhe tinham tomado mais de uma hora para abrir. Sua careta de embaraço o fez rir.

— Sabe, uma das maiores recompensa ao te dar um presente, Tenente, é a extraordinária vergonha que lhe causam.

— Esperava que o esquecesse por um momento.

— Humm — foi sua única resposta. Não estava acostumada a receber presentes, pensou, não lhe tinham dado nada quando era menina, somente dor — Já se decidiu o que fazer com o último?

A última caixa que ele lhe tinha dado estava vazia, e tinha desfrutado vendo sua expressão perplexa. Assim como tinha desfrutado vendo seu sorriso quando lhe disse que isso era um dia. Um dia no qual poderia fazer o que quisesse. A levaria em qualquer lugar que quisesse ir, e fariam o que quisesse fazer. Fora do planeta ou não. Na realidade ou no quarto virtual.

Qualquer momento, qualquer lugar, qualquer mundo era seu era só pedi-lo.

— Não, não tive muito tempo para estudá-lo atentamente. É um grande presente. Não quero por tudo a perder.

Relaxou-se contra ele mais um momento, com o crepitar do fogo, a árvore brilhante, e logo se afastou.

— Tenho que começar. Há muito trabalho e estou sem assistente, e não quero chamar Peabody hoje.

— Por que não te dou uma mão? — Sorriu novamente ante a negativa automática que leu em seus olhos — Caminharei nos robustos sapatos do Peabody pelo dia.

— Este não está ligado a você. Quero que se mantenha assim.

— Será melhor. — Deu-lhe um empurrão, e se levantou

— Posso te ajudar a trabalhar ou algo, e assim não terá que passar o Natal inteiro trancada no seu escritório.

Começou a negar-se outra vez, logo o reconsiderou. A maior parte dos dados que queria eram de domínio público em todo caso. E o que não, não era nada que não teria compartilhado com ele se o tivesse estado pensando em voz alta.

Pelo resto, era bom.

— Bem, se considere meu assistente. Mas quando Peabody recupere sua estabilidade emocional, estará fora.

— Querida. — Tomou sua mão, beijou-a, e olhou seu rosto carrancudo. — Já que o diz tão docemente.

—E nada de desconcentrar-me — adicionou—. Estou de serviço.

Capítulo Dois

Galahad, o enorme gato, estava jogado no respaldo da cadeira do escritório de Eve como um bêbado sobre o bar em sua última parada. Já que tinha passado várias horas à noite anterior atacando as caixas, lutando com as fitas, e assassinando os refugos do papel de presente, deixou-o onde estava, assim poderia dormir.

Deixou sua bolsa e foi diretamente ao Auto-Chef por café.

— O tipo que procuramos é David Palmer.

— Já identificou o assassino.

— OH, sim, sei a quem procuro. Dave e eu somos velhos conhecidos.

Roarke pegou a caneca e trouxe para ela, e a olhou através do vapor.

— O nome me é vagamente familiar.

— Você já deve ter ouvido. Estava na mídia há três anos e meio atrás. Preciso de todos os meus arquivos do caso dessa investigação, todos os dados do processo. Pode começar por... — Deixou de falar quando ele pôs uma mão em seu braço.

— David Palmer... serial killer. Assassinatos com tortura. — divertiam-se principalmente os quebrando — Bastante jovem. Quanto... meados dos vinte?

— Vinte e dois no momento de sua prisão. Um verdadeiro prodígio, nosso Dave. Ele se considera um cientista, um visionário. Sua missão era explorar a tolerância da mente humana e gravar à exigência extrema... dor, medo, fome, desidratação, privação sensorial. Estava bem disposto a falar, também. — Bebeu um gole de seu café — Ficou sentado em sua audiência, com seu rosto bonito todo iluminado pelo entusiasmo, e me explicou que uma vez que soubéssemos o ponto de quebra da mente, seríamos capazes de realçá-lo, reforçá-lo. Pensou que já que eu era uma policial, estaria particularmente interessada por seu trabalho. Os policiais estão sob muita tensão, freqüentemente nos encontrando em situações de vida ou morte onde a mente é facilmente distraída pelo medo ou estímulos externos. Os resultados de seu trabalho poderiam ser aplicados a membros da polícia e forças de segurança, militares, inclusive em assuntos de negócios.

— Não se dava conta que já era seu.

— Sim, era meu. — encolheu-se de ombros — Eu estava um pouco mais abaixo do perfil naqueles dias.

Ele sorriu disso, sabendo que em parte era sua união com ela que tinha mudado aquele estado. Mas recordava muito bem do caso Palmer para achá-lo divertido.

— Tinha a impressão de que ele estava preso com segurança bem longe.

— Não bastante seguro. Escapou. A vítima desta manhã foi deixada em uma área pública... com as marcas de Dave registrada. Ele quer que nós estejamos a par de que está muito ocupado trabalhando. A autópsia terá que confirmá-lo, mas a vítima foi torturada antes de morrer. Penso que Dave encontrou um novo buraco para trabalhar e teve ao juiz ali ao menos um dia antes de matá-lo. A morte por estrangulamento ocorreu por volta da meia-noite. Feliz Natal, Juiz Wainger — murmurou.

— E era o juiz que julgou seu caso.

— Sim. — Distraidamente, deixou sua caneca, e colocou a mão em sua bolsa para tirar uma cópia da nota encontrada que já tinha enviado ao laboratório—. Deixou um cartão de visita... uma outra assinatura. Todos estes nomes estão conectados com seu processo e sua condenação. Parte de seu trabalho desta vez seria, deduzindo, deixar que suas vítimas escolhidas se alterem sobre o que tem planejado para elas. Estão sendo avisadas e protegidas. Será difícil chegar até elas.

— E você? — Roarke falou com estudada calma depois de uma olhada à lista, e no nome de sua esposa — Onde está sua proteção?

— Sou uma policial. Sou a única que se protege.

— Ele te quererá mais, Eve.

Ela se virou. Apesar de controlar sua voz, ouviu a cólera sob ela.

— Talvez, mas não tanto como eu o quero.

— Você o prendeu — continuou Roarke —. Independentemente do que aconteceram depois as provas, o processo, a sentença — tudo foi resultado de seu trabalho. É com você que ele mais se importará.

— Vamos deixar essas conclusões para os peritos. — Embora ela concordasse com ele — Vou entrar em contato com a Mira, logo que eu der uma olhada nos arquivos do caso novamente. Pode acessar eles pra mim enquanto começo meu relatório preliminar. Ti darei os códigos da unidade de meu escritório e os arquivos do Palmer.

Agora ele levantou uma sobrancelha, sorrindo convencido. — Por favor. Não posso trabalhar se me insulta.

— Sinto muito. — Tomou seu café outra vez

— Não sei por que eu finjo que você precisa dos códigos para ter acesso a qualquer maldita coisa.

— Nem eu.

Ele sentou para recuperar os dados que ela queria, trabalhando tranqüilamente. Era muito simples para ele, e liberou a sua mente para refletir. Decidir.

Ela disse que ele não estava ligado com este, e que esperava que se retirasse quando Peabody estivesse de serviço novamente. Mas ela estava errada. Seu nome na lista significava que estava mais envolvido do que jamais ele esteve antes. E nenhum poder na terra, nem sequer o da mulher que amava, faria que voltasse atrás.

Por perto, Eve trabalhava na unidade auxiliar, registrando os brutais feitos no relatório. Queria os resultados da autópsia, da equipe de cena do crime e os dados do oficial de serviço. Mas tinha pouca esperança de conseguir algo, pois o pessoal estava de férias e não voltaria antes do final do dia seguinte.

Lutando por não deixar que sua raiva contra o Natal viesse à superfície, respondeu seu tele link que emitia um sinal sonoro.

—Dallas.

—Tenente, aqui o Oficial Miller.

—O que aconteceu, Miller?

— Senhora, meu parceiro e eu fomos transferidos para informar e proteger a Promotora Ring. Chegamos a sua residência pouco depois das sete e trinta. Não houve resposta a nossa chamada.

— É uma situação de prioridade, Miller. Você está autorizado a entrar nas instalações.

— Sim, senhora. Entendido. Fizemos isso. Ela não está. Meu parceiro perguntou ao vizinho do lado do corredor. O sujeito disse que ela saiu ontem pela manhã para passar as festas com sua família na Filadélfia. Tenente, ela nunca chegou. Seu pai informou seu desaparecimento esta manhã.

O estômago de Eve ficou apertado. Muito tarde, pensou. Já era muito tarde.

— Qual era seu tipo de transporte, Miller?

— Tinha seu próprio veículo. Estamos a caminho da garagem onde c guardava.

— Me mantenha informada, Miller. — Cortou a transmissão, levantou os olhos, e encontrou os olhos de Roarke —. Ele está com ela. Eu gostaria de pensar que se encontrou com algo perigoso no caminho ou tivesse alugado um acompanhante licenciado para umas rápidas férias antes de se encontrar com sua família, mas ele estava com ela. Necessito os códigos de conexão dos outros nomes da lista.

— Você os terá. Um momento.

Não necessitava o código para um dos nomes. Com seu coração pulsando rapidamente, chamou casa de Mira. Um menino pequeno respondeu com um sorriso e uma risadinha tola.

— Feliz Natal! É a casa da vovó.

Por um momento Eve só piscou, perguntando-se como tinha conseguido o código errado. Logo ouviu uma suave voz familiar ao fundo, e viu ela se aproximar da tela com um sorriso em seu rosto e tensão em seus olhos.

— Eve. Bom dia. Espera-me um momento, por favor? Eu gostaria de atendê-la lá em cima. Não, querido — disse ao menino que puxou sua manga —. Volte brincar com seus brinquedos novos. Já volto. Só um momento, Eve.

A tela ficou em silêncio, com um frio azul, e suspirou agradecida. O alívio de encontrar Mira em casa, viva, bem segura... e a singularidade de pensar na tranqüila psiquiatra como uma avó passou por sua mente.

— Sinto muito. — Retornou Mira — Não quis falar com você lá em baixo com minha família.

— Não há problema. Os policiais já estão aí?

— Sim. — Em um verdadeiro espetáculo de nervos, Mira passou uma das mãos pelo seu cabelo negro — Que desagradável dever para eles, ficar sentados em um veículo durante o Natal. Não sei como trazê-los para dentro e impedir que minha família saiba. Meus filhos estão aqui, Eve, meus netos. Tenho que saber se acha que há qualquer possibilidade de que estejam em perigo.

— Não. — Disse-o rápido e firmemente — Esse não é seu estilo. Doutora Mira, não deve deixar a casa sem seus guardas. Não deve ir a nenhuma parte, nem ao consultório, nem ao restaurante da esquina, sem ambos. Amanhã colocarei em você um bracelete localizador.

— Tomarei todas as precauções, Eve.

— Bom, porque uma dessas precauções é cancelar todas as suas consultas de seus pacientes até que Palmer esteja preso.

— Isso é ridículo.

— Não deve estar sozinha com ninguém, em nenhum momento. A menos que seus pacientes consentam em te deixar abrir suas mentes enquanto dois policiais o observam, tire umas férias.

Mira observou Eve firmemente.

— E você está pronta para tirar umas férias?

— Estou pronta para fazer meu trabalho. Parte deste trabalho é você. Stephanie Ring está desaparecida. — Esperou um só segundo, para que reconhecesse a importância — Faça o que estou falando, doutora Mira, ou ficará sob custódia preventiva em menos de uma hora. Precisarei de uma consulta amanhã, às nove. Irei te ver.

Cortou a transmissão, girou para obter os códigos de conexão com Roarke, e encontrou olhando-a insistentemente.

— O que?

— Ela significa muito para você. Se significasse menos, a teria tratado com mais sutileza.

— Não tenho muita sutileza nas melhores circunstâncias. Dê-me os códigos — Quando ele vacilou, suspirou e respondeu — Está bem, está bem, sim. Ela significa muito, e que o maldito não se aproxime dela uma milha. Agora me dê os malditos códigos.

— Já os transferi para sua unidade, Tenente. Registrados, em memória. Se tem que dizer o nome do indivíduo para a transmissão.

— Presunçoso. — Murmurou, sabendo que o faria sorrir abertamente, e se girou para ficar em contato com o resto dos nomes da lista de Palmer.

Quando ficou satisfeita de que os outros objetivos estavam onde se supunha que deviam estar, e protegidos, Eve se voltou para os arquivos do caso aos que Roarke tinha tido acesso.

Passou uma hora revisando dados e informações, e repassando seus discos de entrevista com o Palmer.

Bem, Dave, me fale a respeito da Michelle Hammel. O que a fez especial?

David Palmer, um homem de constituição sólida de vinte e dois anos, com o bom parecer dourado da rica família da Nova Inglaterra da qual provinha, tinha sorrido e se inclinou solenemente. Seus olhos azuis claros estavam brilhantes pelo entusiasmo. Sua suave cútis cremosa brilhava de saúde e vitalidade.

Alguém que finalmente o escutava, recordou Eve ao pensar como tinha sido há três anos. Ele finalmente tinha conseguido a possibilidade de mostrar o gênio que era.

Seu cabelo estava mal cortado... ainda o cortava ela mesma naquele tempo. As botas cruzadas em seus tornozelos eram novas nesse momento e sem marcas. Não havia uma aliança de casamento em seu dedo.

Por outro lado, pensou, era ela mesma.

Ela era jovem, apropriada. Uma atleta, disse-lhe Palmer. Muito disciplinada, da mente e corpo. Uma corredora de longa distância... Candidata a Olimpíada. Sabia bloquear a dor, como concentrar-se em uma meta. Estaria no extremo superior da escala, compreende. Como Leroy Greene estava no fundo. Intoxicou sua mente com drogas ilegais durante anos. Tolerância zero aos estímulos prejudiciais. Perdeu todo o controle inclusive antes da aplicação da dor. Sua mente se quebrou logo que teve conhecimento que se encontrava amarrado com correias à mesa. Mas Michelle...

Ela lutou? Resistiu?

Palmer falou alegremente. Era magnífica, verdadeiramente. Lutou contra as limitações, logo se deteve quando entendeu que não seria capaz se libertar. Sentiu medo. Os monitores registraram a aceleração do pulso, tensão arterial, todos os sinais físicos e emocionais vitais. Tenho excelentes equipamentos.

Sim, os vi. O melhor em sua linha.

É um trabalho essencial. Seus olhos se nublaram naquele momento, não tinha se

concentrado como faziam quando falava da importância de suas experiências. Você verá se examinar os dados de Michelle, como centrou seu medo, utilizou-o para se manter viva. O controlou, a princípio, tentando raciocinar comigo. Fez promessas, prometeu entender minha pesquisa, inclusive me ajudar. Era inteligente. Quando entendeu que não lhe ajudaria, amaldiçoou-me, bombeando adrenalina quando introduzi novos estímulos de dor.

— Quebrou-lhe os pés — disse Eve, sabendo que Roarke a olhava por detrás dela — Logo os braços. Tinha consciência então sobre seus equipamentos. Tinha eletrodos que quando os conectava em diferentes partes de seu corpo, ou em vários orifícios, administrava níveis graduados de descargas elétricas. Manteve Michelle viva durante três dias até que a tortura a derrubou. Já no final, suplicava para que a matasse. Fez uso de uma corda e um sistema de polia para asfixiá-la... estrangulamento gradual. Tinha dezenove anos.

Roarke pôs suas mãos em seus ombros.

— Já o pegou uma vez, Eve, o deterá novamente.

— Maldito se não o farei.

Ergueu os olhos quando ouviu alguém se aproximar velozmente pelo corredor.

— Salva os dados, e o arquivo — pediu quando Nadine Furst entrou no quarto. Perfeito, pensou uma visita da jornalista estrela do Canal 75. O fato de que fossem amigas não fez de Eve menos cautelosa.

— Feliz Natal, Nadine?

— Ganhei um presente esta manhã. — Nadine atirou um disco sobre a mesa.

Eve a olhou, e logo se fixou em seu rosto. Estava pálida, com os rasgos agudos marcados. Pelo menos uma vez, Nadine não estava perfeitamente maquiada e com seus lábios pintados, atenta, e com cada coisa em seu lugar. Parecia mais que assustada, compreendeu. Parecia aterrorizada.

— Qual é o problema?

— David Palmer.

Lentamente Eve se levantou.

— O que há com ele?

— Pelo visto sabe o que faço para viver, e que somos amigas. Enviou-me isto.

— Deu uma olhada para o disco, e lutou por afogar um estremecimento. — Esperava que fizesse um artigo sobre ele — e seu trabalho — e compartilhasse o conteúdo de seu disco com você. Posso beber? Algo forte.

Roarke se caminhou ao redor do escritório e a sentou em uma cadeira.

— Sente-se. Está fria — murmurou quando tomou suas mãos.

— Sim, estou. Tive frio desde que vi esse disco.

— Vou te buscar um brandy.

Nadine afirmou, e logo apertou suas mãos em seu colo e olhou ao Eve.

— Há outras duas pessoas na gravação. Uma delas é o Juiz Wainger. O que ficou do Juiz Wainger. E há uma mulher, mas não posso reconhecê-la. Ela é... ele já começou com ela.

— Aqui. — Roarke trouxe a taça de brandy, e brandamente envolveu as mãos de Nadine no copo —. Beba.

— Bem. — Levantou o copo, tomou um longo gole, e sentiu que uma rajada de calor percorria seu estômago. — Dallas, vi muitas coisas perversas. relatei-as, estudei-as. Mas nunca vi nada como isto. Não sei como tratar com isso, dia a dia.

— Um dia de cada vez. — Eve recolheu o disco — Não tem que olhá-lo novamente.

— Sim. — Nadine bebeu outra vez, e soltou um longo suspiro — O farei.

Eve rodou o disco em sua mão. Era um modelo de uso padrão. Nunca o localizariam. Deslizou-o em sua unidade.

— Reproduzir e dirigir disco, mostrar em tela.

O rosto juvenil e atrativo do David Palmer irrompeu na tela da parede.

— Sra. Furst, ou posso chamá-la de Nadine? É muito mais íntimo dessa maneira, e meu trabalho é muito íntimo para mim. A propósito, admirei seu trabalho. É um dos motivos pelo qual confio em você para contar minha história no ar. Acho que o fará, Nadine?

Seus olhos estavam sérios agora, de profissional a profissional, seu rosto tinha toda a juventude e a inocência de um noviço no altar.

— Quando nós que alcançamos a perfeição acreditam no que fazemos... — seguiu ele — Sou consciente de que tem um relacionamento amigável com a Tenente Dallas. A Tenente e eu também temos um relacionamento possivelmente não tão amigável, mas nos relacionamos, e admiro realmente sua integridade. Espero que compartilhe o conteúdo deste disco com ela o quanto antes. Para estas datas já deve estar investigando a morte do Juiz Wainger.

Seu sorriso foi brilhante agora, e só um pouco irracional nas comissuras.

— Olá, Tenente. Perdoe-me se antes concluo meu assunto com a Nadine. Quero que Dallas esteja estreitamente a par de tudo. É importante para mim. Contará minha história, Nadine? Deixe ao público que eles mesmos me julguem, não algum estúpido intransigente em um traje negro.

A seguinte cena se seguiu sem cortes no lugar, com o áudio alto, de modo que os gritos da mulher pareciam cortar o ar no quarto onde Eve estava sentada, olhando.

O corpo do juiz Wainger estava com as mãos e os pés amarrados e pendurado várias polegadas em um chão de concreto claro. Um básico sistema de polia desta

vez, refletiu Eve. Tomou-se tempo para observar alguns detalhes, mas não era ainda o complexo, e sem dúvida, o engenhoso sistema de tortura que tinha criado antes.

De todos os modos, funcionava muito bem.

O rosto do Wainger estava lívido pela agonia, os músculos se curvaram quando Palmer queimou as letras em seu peito com um laser de mão. Ele só gemeu, e sua cabeça caiu. Perto, um sistema de monitores emitiu um sinal sonoro e zumbiu.

—Ele está falhando, você vê — disse Palmer energicamente em uma voz em off. — Sua mente se escorre mais à frente da dor, quando já não pode tolerá-lo. Seu organismo tentará fechar-se na inconsciência. Isso pode ser impedido, como verá aqui. — Na tela, ele pressionou um interruptor. Houve um profundo gemido, e logo o corpo do Wainger se sacudiu. Esta vez gritou.

Do outro lado da sala uma mulher gritou e soluçou. A gaiola em que ela estava colocada sobre um enorme cabo oscilava violentamente e o espaço não era o suficiente grande só para permitir que se rastejasse com as mãos e os joelhos. Uma escura cortina de cabelo cobria a maior parte de seu rosto, mas Eve a reconheceu.

Stephanie Ring estava com Palmer.

Quando ele girou, e pressionou outro controle, a jaula faiscou e se sacudiu. A mulher soltou um forte gemido, estremeceu-se convulsivamente, e logo desmaiou.

Palmer se voltou para a câmara, e sorriu.

—Ela é irritante, mas não por muito tempo. É necessário iniciar um assunto antes de concluir o trabalho com o outro. Mas seu turno chegará em breve. O coração do sujeito Wainger está falhando. Os dados sobre ele estão quase completos.

Usando as cordas, baixou manualmente Wainger ao chão. Eve observou a tensão e o molho de músculos nos braços do Palmer.

—Dave esteve se exercitando freqüentemente. —resmungou—. Ficando em forma. Sabia que teria que trabalhar mais duro desta vez. Gosta de preparar-se.

Palmer deslizou uma corda perfeitamente presa ao redor do pescoço do Wainger e meticulosamente passou o extremo por um anel metálico no teto. Baixando-a, introduziu-a por outro anel no chão, logo atirou lentamente até que Wainger se elevou em seus joelhos, logo seus pés, e começou a ofegar por ar.

—Poderia parar? — Nadine se levantou de um salto — Não posso olhá-la outra vez. Pensei que poderia. Não posso.

— Parar o disco. —Eve esperou até que a tela ficou em branco, logo se aproximou para inclinar-se na frente de Nadine — Eu sinto muito.

— Não. Eu é que sinto. Pensei que era dura.

— E é. Ninguém é tão resistente.

Nadine sacudiu a cabeça, terminou seu brandy com um profundo gole, e pôs a taça de lado.

— Você é. Não se deixa alterar.

— Sou. Mas é o que eu faço. Vou pedir proteção para você, e que a levem para casa. Eles te acompanharam em toda parte até que Palmer caia.

— Você acha que ele virá atrás de mim?

— Não, mas para que lhe dar uma oportunidade? Vá para casa, Nadine. E se afastou.

Mas depois de pedir a Roarke que levasse Nadine para baixo para esperar a escolta, terminou de olhar o disco. E ao final seus olhos se encontraram com os de Palmer quando se moveu para a câmara.

— Assunto Wainger, morreu a meia-noite, de vinte e quatro de dezembro. Você viverá mais, Dallas. Ambos sabemos disso. Será meu assunto mais fascinante. Tenho tantas maravilhas planejadas para você. Você me encontrará. Sei que o fará. Conto com isso. Feliz Festas.

Capítulo Três

O carro do Stephanie Ring estava ainda em sua área autorizada na garagem. Sua bagagem estava guardada cuidadosamente no porta-malas. Eve o rodeou, procurando qualquer sinal de luta, qualquer evidência que poderia ter causado e passado despercebida durante o seqüestro.

— Ele tem dois modos de agir — disse, tanto para ela mesma como para os policiais que esperavam perto. — Um é de conseguir entrar nas casas das vítimas com uma ordem de serviço... entrega, pedido de reparação, ou fazendo-se se passar pelo funcionário; o outro é chegar a eles em uma área deserta. Passa o tempo se familiarizando com suas rotinas e hábitos, as rotas habituais e horários. Registra tudo isso... muito organizado, o cientista, junta todos os dados biográficos de cada um deles.

Não eram ratos de laboratório para ele, pensou. Era pessoal, específico. Era o que o excitava.

— Em qualquer caso — continuou — usa um atordoante, derruba-os rapidamente, logo os transporta em seu próprio carro. Há câmaras de segurança operando aqui?

— Sim, senhora. — Um dos policiais lhe forneceu um pacote selado de discos —. Confiscamos os dos três dias anteriores, presumindo que o sujeito pode ter espreitado à vítima antes de seu seqüestro.

Eve levantou uma sobrancelha.

— Miller, certo?

— Sim, Senhora.

— Bem pensado. Não há nada mais que possa fazer aqui. Vão para casa e comam um pouco de peru.

Eles não correram exatamente se afastando, mas tampouco se entretiveram. Eve pôs o pacote em sua bolsa e se virou para o Roarke.

— Por que não faz o mesmo, companheiro? Só demorarei algumas horas.

— Só demoraremos algumas horas.

— Não preciso de um ajudante para passar pelo apartamento de Ring.

Roarke simplesmente tomou seu braço e se dirigiu de volta para o carro.

— Deixou aos dois policiais partirem. — começou quando ligou o motor — Todos os outros da lista de Palmer estão sob vigilância. Por que você não?

— Já falamos sobre isso.

— Em parte. — Ele deu marcha ré e saiu da garagem —. Mas te conheço, Tenente. Espera que ele mude a ordem e venha logo atrás de você. E não quer

proteção para não espantá-lo.

Por um momento só tamborilou seus dedos em seu joelho. Em menos de um ano, o homem a tinha conhecido por dentro e por fora. Não estava completamente confortável com isso.

— E seu ponto seria?

Ele quase sorriu com o aborrecimento em sua voz.

— Admiro o valor de minha esposa, sua dedicação ao dever.

— Você falou “minha esposa” só para me irritar, não foi?

— É obvio. — Satisfeito, tomou sua mão, beijou os nódulos —. Estou honrado, Eve. Conta com isso.

* * *

Passar pelo apartamento do Stephanie Ring não foi mais que rotina, e não revelou nada além da vida organizada de uma solitária mulher de carreira que desfrutava rodeando-se com coisas atrativas, e gastando seu salário de uma cidade com um elegante guarda-roupa.

Eve pensou na mulher nua agachada como um animal em uma gaiola, gritando de terror.

A mataria logo. Sabia. E não tinha poder para detê-lo.

Quando retornou ao seu escritório, examinou o disco que Palmer lhe tinha enviado por Nadine. Desta vez o fez para não tomar em conta o que acontecia e enfocar-se só nos arredores.

— Sem janela. — comentou — O chão e as paredes parecem de concreto e tijolo antigo. A área completa não pode ser superior a trinta por vinte pés. Provavelmente seja um porão. Computador, pausa. Realçar o setor oito a quinze Ampliar.

Estava pensando enquanto o computador trabalhava logo se aproximou da tela.

— Ali, esse é o degrau de uma escada. Degraus, e parte de um corrimão. Detrás de algum tipo que possa ser... — uma velha unidade de forno ou tanque de água. Encontrou-se em um buraco. Tem que ser particular — seguiu, estudando a vista—. Não pode trabalhar em um edifício onde as pessoas poderiam ouvi-lo. Inclusive se não é a prova de o som, se arriscaria que alguém circulasse pelos arredores. Equipe de manutenção, equipe de reparo. Algo assim.

— Não é um apartamento ou edifício comercial. — acrescentou Roarke —. E pelos degraus não é provável que seja uma instalação de armazenagem. Olhando o forno, é uma boa construção, mas não é novo. Nada construído nos últimos quinze

ou vinte anos teria sido instalado um tanque de forno. Ele queria algo na cidade, verdade?

— Sim, ia querer estar perto de todos os seus objetivos. Não iriam para as áreas residenciais do subúrbio e inclusive os subúrbios não são prováveis. Dave é um verdadeiro urbanista e Nova York seu jardim. Casa particular. Tem que ser. Mas como conseguiu pôr as mãos em uma residência particular?

— Amigos? — sugeriu Roarke — Família?

— Palmer não tinha um estreito círculo de amizades. Era uma pessoa solitária. Tem pais. Mudaram-se depois do julgamento. Estão no projeto de Amparo as Vítimas e dos sobreviventes.

— Arquivos sigilosos.

Ela ouviu um débil rastro de humor em sua voz, e se girou para lhe franzir o cenho. Durante um momento lutou com o procedimento. Poderia conseguir a autorização para ter acesso à localização dos Palmer. E ao menos levaria dois dias para ter acesso a ela. Ou poderia passar o problema ao Roarke e ter o que necessitava em minutos.

Podia ouvir os gritos do Stephanie Ring ressonando em sua cabeça.

— Terá que usar o equipamento não registrado. O Computador lhe mostrará que tem um bloqueio automático em seu arquivo.

— Não levará muito tempo.

— Vou seguir trabalhando nisto. — Gesticulou para a tela — Ele poderia conseguir somente o suficiente e não deixar algo identificável para trás.

— Bem. — Mas cruzou com ela, e emoldurou seu rosto em suas mãos. Baixando sua cabeça, beijou-a, um longo momento, lenta e profundamente. E sentiu como ele, que um pouco da rígida tensão diminuía em seu corpo.

— Posso lidar com isso, Roarke.

— Podendo ou não, o fará. Doeria se afastar por mim, só um momento?

— Acho que não. — Passou seus braços ao redor dele, sentiu as linhas familiares, o calor familiar. Apertou seu punho — Por que não foi suficiente detê-lo uma vez? Por que não foi suficiente mantê-lo preso? O que tem de bom se a gente faz seu trabalho e se volta desta maneira?

Ele a abraçou e não disse nada.

— Quer me mostrar que pode fazê-lo tudo de novo. Quer me levar por todos os passos e etapas, do mesmo modo que o fez antes. Só que agora enquanto acontecem. “Olha como sou inteligente, Dallas”.

— Sabendo o que, entendendo o que, te ajudará a prendê-lo pela segunda vez.

— Sim. — e se afastou — Me Consiga os dados, assim poderei me comunicar com seus pais.

Roarke roçou com um dedo na covinha em seu queixo.

— Me deixará olhar. É tão estimulante te ver intimidar as testemunhas.

Quando ela riu, como tinha esperado que fizesse, foi ao seu escritório particular para a computador e os arquivos oficialmente sigilosos.

Ela não tinha tido tempo para examinar outra seção da gravação antes de que voltasse.

— Não pode ter sido tão fácil.

— Sim. — Sorriu e lhe entregou um novo disco de dados — Veja. Thomas e Helen Palmer, agora conhecidos como Thomas e Helen Smith... o que só mostra como podem ser imaginativos os burocratas, atualmente residem em uma pequena cidade chamada Leesboro na Pensilvânia rural.

— Pensilvânia. — Deu uma olhada para seu comunicador, considerando-o, logo para o Roarke—. Não levaria muito tempo chegar ali se tivesse acesso a um transporte rápido.

Roarke pareceu divertido.

— Que transporte rápido você prefere, Tenente?

— Aquele seu mini jato nos levaria em menos de uma hora.

— Então por que não vamos?

Se Eve tivesse sido mais aficionada às alturas, poderia ter desfrutado do rápido, e suave vôo ao sul. Como não o era, sentou-se, movendo um pé para acalmar seus nervos enquanto Roarke pilotava sobre o que imaginou que alguns considerariam uma pitoresca diversidade de montanhas.

Para ela só eram rochas, e os campos entre eles só terra.

— Só vou dizer te dizer uma vez — a iniciou — E unicamente porque é Natal.

— Vou aterrissar — lhe advertiu quando se aproximou da pista de aterrissagem particular —. O que você vai me dizer uma só vez?

— Que talvez todos esses seus brinquedos não são uma completa perda de tempo. Muito indulgente, talvez, mas não uma completa uma perda de tempo.

— Querida, estou emocionado.

Uma vez que estiveram em terra, se transferiram do avião para um pequeno carro para duas pessoas, ao elegante carro que Roarke havia providenciado para esperando-los. É obvio, não podia ser um veículo normal, pensou Eve quando o examinou. Era um elegante e rápido carro negro, construído com estilo e velocidade.

— Vou dirigir. — Ela pegou na mão para o código que o assistente lhe tinha dado —. Você será o navegador.

Roarke o considerou enquanto sacudia o código em sua mão.

— Por quê?

— Porque sou eu a que tem o distintivo. — Arrebatou-lhe o código de um puxão e lhe sorriu com satisfação.

— Sou melhor motorista.

Grunhiu quando subiram.

— Você gosta de cachorro quente. Isso não te faz melhor.

— Ponha o cinto, gênio. Tenho pressa.

Ela o perfurou com o olhar e saíram voando do Terminal por um sinuoso caminho rural alinhado com árvores cheias de neve e rochas escarpadas.

Roarke programou seu destino e estudou a rota oferecida pelo computador de bordo.

— Segue por este caminho por duas milhas, dá volta à esquerda por outras dez ponto três, e logo à esquerda por cinco ponto oito.

Quando terminou, ela já estava na primeira esquerda. Sinalizou um estreito riacho, a água lutando por seu caminho contra o gelo, e uma grande rocha. Casas dispersas, árvores que se elevavam abruptamente em cima das colinas, uns meninos que brincavam com seus patins e pranchas novas em umas áreas cobertas de neve.

— Por que vive gente em lugares como este? Aqui não há nada. Vê todo esse céu? — Perguntou ao Roarke — Como podem ser capazes de ver tanto céu aqui embaixo. Não pode ser bom. E onde comem? Não passamos por um só restaurante, carrinho, ou loja de comestíveis preparados, nada.

— Por gosto? — Roarke sugeriu — ao redor da mesa da cozinha.

— Todo o tempo? Jesus. — se estremeceu.

Riu, e passou um dedo por seu cabelo.

— Eve, eu te adoro.

— Se comporte. — Freou para fazer a volta seguinte. — O que estou procurando?

— Terceira casa à direita. Ali, aquela casa pré-fabricada de dois pisos, com o mini caminhão na entrada.

Reduziu a marcha, examinando a casa quando rodou atrás do caminhão. Havia luzes de Natal com o passar do beiral, uma guirlanda na porta, e o contorno de uma árvore decorada detrás da janela da frente.

— Suspeito que não tenha argumentos para te pedir que me espere no carro.

— Nenhum — concordou e saiu.

— Não vão ficar felizes em me ver — lhe advertiu Eve atravessando a pé até a porta da frente. — Se, se negarem a falar comigo, vou pressioná-los brutalmente. Se você sentir isso, segue o meu exemplo.

Ela pressionou a campainha, e sentiu calafrios.

— Deveria ter posto o casaco que te dei de presente. O casaco de caxemira.
— Não o visto em serviço. — Era magnífico, pensou. E se sentia tão suave
Não era a tipo de coisa que usava um policial.

E quando a porta se abriu, Eve era toda uma policial.

Helen Palmer tinha mudado seu cabelo e seus olhos. Tênuas diferencia em sombras e formas, mas bastante para trocar sua aparência. Ainda tinha um rosto bonito, como seu filho. Seu automático sorriso de saudação empalideceu quando reconheceu Eve.

— Lembra-se de mim, Sra Palmer?

— O que faz aqui? — Helen pôs uma mão sobre a ombreira da porta para bloqueá-la — Como nos encontrou? Estamos sob custódia.

— Não tenho intenção de violar isso. Tenho uma situação de crise. Terá sido notificada que seu filho escapou da prisão.

Helen apertou seus lábios, e encurvou seus ombros como defesa contra o frio que entrava voando pela porta aberta.

— Eles disseram que o estavam procurando, asseguraram-nos que o teriam de volta na prisão, e em tratamento muito em breve. Não está aqui. Não sabemos onde está.

— Posso entrar Sra Palmer?

— Por que tem que nos envolver tudo outra vez? — As lágrimas alagaram seus olhos, parecendo tanto de frustração como de pena — Meu marido e eu acabamos de recuperar nossas vidas. Não tivemos contato com o David em quase três anos.

— Querida? Quem está na porta? Está deixando o frio entrar. — Um homem alto de cabelo escuro avançou sorridente para a porta. Tinha vestido um velho suéter de ponto e jeans velhos com um par de sapatilhas obviamente novas. Piscou uma vez, duas vezes, logo pôs sua mão no ombro de sua esposa — Tenente. Tenente Dallas, verdade?

— Sim, Sr. Palmer. Sinto lhe incomodar.

— Deixa-os entrar, Helen.

— OH, Deus, Tom.

— Deixa-os entrar. — Seus dedos roçaram seu ombro antes de afastá-la — Você deve ser Roarke. — Tom obteve o que quase passou por um sorriso quando ofereceu ao Roarke sua mão — O reconheço. Por favor, entrem e sentem-se.

— Tom, por favor...

— Por que não faz um pouco de café? — Ele se voltou e pressionou seus lábios na frente de sua esposa. Murmurou-lhe algo, e ela soltou um suspiro e afirmou com a cabeça.

— Farei isto tão rápido como posso Sr. Palmer — lhe disse Eve, quando Helen

caminhou rapidamente por um vestíbulo central.

— Você nos tratou de forma justa em um momento insuportável, Tenente. — Mostrou-lhes uma pequena sala de estar. — Não esqueci isso. Helen... minha esposa esteve nervosa todo o dia. Durante vários dias. — se corrigiu —. Desde que nos informaram que David escapou. Trabalhamos com tanta força para nos manter centrados, mas...

Gesticulou inutilmente e se sentou.

Eve recordava muito bem a estas pessoas decentes, sua consternação e pena pelo que era seu filho. Tinham-no criado com amor, com disciplina, com cuidados, e de todos os modos se enfrentaram com um monstro.

Não tinha havido abuso, crueldade, nenhum castigo subjacente para alimentar a aquele monstro. As provas de Mira e a análise tinham confirmado a opinião de Eve, que eram um casal normal que tinham dado a seu único filho afeto e as vantagens monetárias e sociais que tinham estado ao seu dispor.

— Não tenho boas notícias para você, Sr. Palmer. Não tenho boas notícias.

Ele dobrou suas mãos em seu colo.

— Está morto.

— Não.

Tom fechou seus olhos.

— Deus me ajude. Tinha esperado... realmente tinha esperado que c estivesse. —levantou-se rapidamente quando ouviu sua esposa de volta — Aqui, eu levarei isso. —inclinou-se para pegar a bandeja que ela levava. — Superaremos isso, Helen.

— Sei. Sei que vamos fazer-lo. — Entrou, sentou-se, e se ocupou ela mesma em colocar o café que tinha feito. — Tenente, acredita que David voltou para Nova York?

— Sabemos que está lá. — Vacilou, logo decidiu que bastante logo ouviriam as notícias nos noticiários. —. Logo cedo esta manhã o corpo do Juiz Wainger foi encontrado no Rockefeller Center. Foi obra de David. — seguiu quando Helen gemeu — Se pôs em contato comigo, com provas. Não há dúvida disso.

— Supunha-se que estava em tratamento. Isolado das pessoas, assim não poderia fazer mal, se machucar a si mesmo.

— Às vezes o sistema falha, Sra. Palmer. Em ocasiões você pode fazer tudo de forma correta, e só falha.

Helen se levantou, caminhou para a janela, e ficou a olhar para fora.

— Você me disse algo assim antes. A nós. Que tínhamos feito todo o correto, tudo o que podíamos. Que foi algo no David que tinha falhado. Foi amável de sua parte, Tenente, mas não pode saber o que é, e não pode saber como se sente saber

que um monstro nasceu de você.

Não, pensou Eve, mas sabia o que era provir de um monstro, ter sido criada por um os oito primeiros anos de sua vida. E vivia com isso.

—Necessito sua ajuda, — disse em troca —. A necessito para me dizer se tiver alguma idéia de onde poderia ir, a quem poderia ajudá-lo. Ele tem um lugar, — seguiu —. Um lugar particular onde pode trabalhar. Uma casa, um pequeno edifício em alguma parte de Nova York. Na cidade ou muito perto dela.

— Ele não tem onde. —Tom levantou suas mãos —. Vendemos tudo quando nos mudamos. Nossa casa, meu negócio, e da Helen. Inclusive nosso lugar de férias no Hamptons. Cortamos todos os laços. A casa onde David... onde ele viveu no passado... foi vendida também. Vivemos discretamente aqui, de forma singela. O dinheiro que tínhamos economizado, o dinheiro das vendas está em uma conta. Não tivemos o ânimo... não o necessitamos.

— Tinha dinheiro próprio — apontou Eve.

—Sim, uma herança, e um fundo fiduciário. Foi como financiou o que fazia. — Tom estendeu a mão para sua esposa e apertou seus dedos fortemente. — Doamos aquele dinheiro à caridade. Tenente, todos os lugares onde poderia ter ido agora estão em mãos de outros.

— Bem. Você pode pensar em algo mais tarde. Por impossível que seja, por favor fique em contato comigo. — levantou-se —. Quando David estiver novamente preso, lhes avisarei. Depois disto, esquecerei onde vivem.

Eve não disse mais nada até que estivessem no carro e estavam voltando.

— Ainda o amam. Depois de tudo o que fez, de como é, há uma parte deles que o amam.

— Sim, e bastante, acredito que lhe ajudariam a detê-lo, se soubessem como.

— Ninguém jamais nos amou dessa maneira. — Desviou seus olhos do caminho brevemente, encontrando os seus. — Ninguém jamais sentiu esse vínculo.

— Não. — Afastou o cabelo de sua bochecha. — Não até que nos encontramos um ao outro. Não se atormente Eve.

— Ele tem os olhos de sua mãe. — sussurrou — Serenos e azul claro. Ela teve que mudá-los imagino, porque não poderia se olhar no espelho e lhes fazer frente a cada manhã.

Suspirou, e se estremeceu.

— Mas ele pode, — disse ela calmamente.

Capítulo Quatro

Não havia nada mais que fazer, não havia dados para examinar ou analisar, ou outro ângulo que comprovar. Amanhã, sabia, haveria. Agora só poderia esperar.

Eve entrou no dormitório com a idéia de descansar um pouco. Precisavam salvar parte do dia, pensou. Ter sua refeição de Natal juntos, tentar por algum sentido de normalidade.

O aroma forte, sonhador do pinheiro a fez sacudir a cabeça. O homem tinha enlouquecido pela tradição, neste primeiro Natal juntos. Cristo sabia o que tinha pago pelas árvores vivas que tinha colocado por toda parte da casa. E este, que estava parado em frente à janela de seu dormitório, tinha insistido que o decorassem juntos.

Importava-lhe. E com um pouco de surpresa compreendeu que também lhe tinha chegado a importar.

— Acender as luzes da árvore, ordenou, e sorriu um pouco quando as viu piscar e cintilar.

Caminhou para o sofá, e tirou coldre com sua arma, e se desfez dele. Estava sentada no braço do sofá tirando-as botas quando Roarke entrou.

— Bom. Eu esperava que descansasse um momento. Tenho algumas chamadas para fazer. Por que não me avisa quando estiver pronta para comer?

Inclinou sua cabeça e o observou quando ficou imóvel na porta. Deixou cair sua segunda bota e se levantou devagar.

— Vêem aqui.

Reconhecendo o brilho em seus olhos, ele sentiu uma comichão de luxúria começava a agitar-se por seu sangue.

— Hum?

— Você me ouviu, espertinho.

Mantendo seus olhos nos seus, atravessou o quarto.

— O que posso fazer por você, Tenente?

A tradição pensou Eve, tinha que começar em algum lugar. Agarrou com a mão a frente de sua camisa, estirando a seda quando o puxou aproximando-o um passo mais.

— Quero você nu, e rápido. A menos que queira que me ponha a te rasgar, e o dispa eu mesma.

O sorriso dela era tão arrogante como o seu e desejou mordê-la.

— Talvez eu goste de sua rudez.

— Sim? — Começou a levá-lo para a cama — Bem então, vais amar isto. —

moveu-se rápido, o único sinal foi o rápido brilho de seus olhos antes que rasgasse sua camisa abrindo-a e os botões saltassem no ar. Ele agarrou seus quadris, apertando-a com força quando ela cravou os dentes em seu ombro e o mordeu.

— Jesus. Jesus! Amo seu corpo. Me de isso

— Você quer isso? — Ele a agitou até os dedos do pé — Terá que tomá-lo.

Quando sua boca se fechou com paixão sobre a sua, ela girou. Ele respondeu Deslocou-se e poderia havê-lo atirado sim se ele não tivesse antecipado seu movimento. Eles tinham ido ao mesmo tempo antes, com resultados muito satisfatórios.

Terminaram cara a cara outra vez, e com a respiração acelerada.

— Te farei cair, — lhe advertiu.

— Experimente.

Lutaram corpo a corpo, ambos recusando-se a ceder terreno. O ímpeto os levou aos degraus da plataforma da cama. Ela deslizou uma mão entre suas pernas, apertando brandamente. Era um movimento que tinha usado antes. Inclusive quando o calor golpeou diretamente ao centro de seu corpo por seu triunfo, ele trocou de lugar, deslizou-se sob seu corpo, e a atirou na cama.

Ela rodou, e se ajoelhou.

— Vamos lá, cara durão.

Ela sorria abertamente agora, seu rosto rosado pela luta, seus olhos brilhando de desejo e as luzes da árvore cintilando detrás dele.

— Você está linda, Eve.

Piscou, endireitou-se em uma postura de enfrentamento e o olhou confusa. Inclusive o homem que a amava nunca a tinha chamado de linda.

— Hã!?

Foi tudo o que pôde dizer antes que ele saltasse para ela e a deixasse fora de combate com um movimento de meio corpo.

— Bastardo. — Ela por pouco ria bobamente inclusive enquanto com um movimento de tesoura e conseguia rodar em cima dele. Mas ele usou o ímpeto para mantê-la sujeita outra vez — Linda é a minha bunda.

— Sua bunda é linda. — Um cotovelo golpeou seu ventre lhe tirando um pouco de ar, mas ele pretendia mais — E assim como o resto de você. Estou indo para ter sua bunda linda, e o resto de você.

Resistiu, retorcendo-se, e quase conseguiu escapar dele. Então sua boca se fechou sobre seu peito, chupando, e beliscando através de sua blusa. Gemeu, arqueou-se contra ele, e agarrou seu cabelo com força, em vez de aproximá-lo afastando-o.

Quando ele rasgou sua blusa, ela se levantou, enganchando suas pernas

fortes, largas ao redor de sua cintura, e encontrando sua boca com a sua de novo quando ele a empurrou para ajoelhar-se no centro da cama.

Uniram-se em uma confusão de membros, mãos brucas e andar a provas. E a carne começou a deslizar-se umidamente sobre a carne.

Ele a empurrou e muito a primeira vez, com força e rápido, aqueles dedos chicoteados que conheciam suas debilidades, suas forças, e suas necessidades. Tremendo, gritando, permitiu-se voar pela excitação do clímax.

Logo rodaram outra vez, ofegando, gemendo e sussurrando. O calor chegava em ondas gigantes, em ímpetos violentos e necessitados. Sua boca queimava na sua quando se sentou escarranchado sobre ele.

— Me deixe, me deixe, me deixe. — Cantarolou contra sua boca enquanto subia acima dele. Suas mãos se uniram quando entrou dentro dela. Ele a encheu, seu corpo, mente, e coração.

Rápida e sem piedade, arrastou-os a ambos como o tinha necessitado no momento que ele tinha entrado no quarto. Preenchendo-a, crescendo dentro dela, um prazer indescritível, a pressão, a luta frenética por acabar, prolongar.

Jogou sua cabeça para trás, e se agarrou a ele, a beira do abismo.

— Vamos, — Ela ofegou, lutando para clarear a visão, para se centrar no seu rosto glorioso — Vamos de novo, me leva com você.

Ela olhou seus olhos, aquele assombroso azul que se ia obscurecendo como a meia-noite, sentiu-o arremeter com uma última, e dura investida. Com suas mãos ainda unidas, abandonou-se com ele.

E quando a energia se deslizou fora dela como a cera de uma vela derretendo-se, escorregou para baixo, ainda tremendo enquanto pressionava seu rosto em seu pescoço.

— Ganhei, — disse satisfeita.

— Bem.

Seus lábios se retorceram satisfeitos, e esgotados, com expressão satisfeita.

— Eu o fiz. Consegui justamente o que queria de você, amigo.

— Graças a Deus. — moveu-se até que a embalou contra ele — Vê se dorme um pouco, Eve.

— Só uma hora. — Sabendo que nunca dormiria mais que ele mesmo, abraçou-se a ele para mantê-lo perto.

* * *

Quando despertou as duas da manhã, Eve decidiu que a breve sesta antes do jantar tinha renovado seu corpo. Agora estava totalmente acordada, sua mente

concentrada e começou a trabalhar com as informações e as provas que tinha até esse momento.

David Palmer estava aqui, em Nova York. Em algum lugar na cidade trabalhando felizmente. E seu ventre lhe disse que Stephanie Ring já estava morta.

Não seria tão fácil para ele capturar aos restantes de sua lista, pensou enquanto rodava na cama. O ego o induziria a tentá-lo, e cometeria um engano. Com toda possibilidade já tinha cometido um. Só que não o tinha descoberto ainda.

Fechando seus olhos, tentou deslizar-se para mente de Palmer, como era três anos atrás quando tinha estado perseguindo-o.

Ele amava seu trabalho, tinha-o amado inclusive quando era jovem e fazia experiências com os animais. Tinha conseguido esconder essas pequenas mortes, com uma cara alegre, inocente. Todos os que o conheciam — pais, professores e vizinhos — tinham falado de um jovem inteligente, bom, um rapaz brilhante que estudava duramente e não causava nenhum problema.

Mas parte desses elementos clássicos tinha estado ali, inclusive na infância. Ele tinha sido uma pessoa solitária, obsessivamente arrumada, compulsivamente organizada. Nunca teve um relacionamento sexual saudável e tinha sido socialmente desajeitado com as mulheres. Eles tinham encontrado centenas de discos com seus informes, o que produziu nos últimos dez anos, relacionando com cuidado suas teorias, seus objetivos, e seus lucros.

E com o tempo, com a prática, e o estudo, ele chegou muito, muito bem em seu trabalho.

Onde é que você se instalou Dave? Teria que estar em algum lugar confortável. Você gosta de conforto. Você deve ter odiado a falta delas na prisão. Estava furioso, certo? Tanto que agora está vindo atrás dos que o colocaram ali.

Foi um erro, nos deixar saber de sua marca com antecedência. Mas é o seu ego, também. É realmente você contra mim.

Esse é outro erro, porque ninguém te conhece melhor como eu.

Uma casa pensou. Mas não uma casa qualquer. Teria que estar em uma boa vizinhança, perto de bons restaurantes. Os anos que foi alimentando na prisão devem ter ofendido seu paladar. Necessita de um bom imóvel, material confortável, com um pouco de estilo. Tecidos bons. E um complexo com entretenimento... para poder olhar a tela ou não saberá o que as pessoas dizem de você.

E todo isso requer dinheiro.

Quando se sentou na cama, Roarke se moveu ao seu lado.

— O descobriu?

—Tem uma linha de crédito em algum lugar. Sempre me perguntei se tinha dinheiro escondido, mas não me pareceu importante, pois nunca sairia para utilizá-lo. Equivoquei-me. O dinheiro dá poder, e encontrou um modo de aproveitá-lo da prisão.

Afastou o cobertor, e começava a sair da cama quando seu comunicador emitiu um sinal sonoro. Contemplou-o um momento, e soube.

Capítulo Cinco

Dois adolescentes que procuravam um pouco de aventura saíram de suas casas, encontraram-se em um lugar pré-marcado, e pegaram suas novas bicicletas deslizadoras para dar uma volta pelo Central Park.

Eles tinham pensado a princípio que Stephanie Ring, era um vagabundo talvez um mendigo autorizado ou que dormia drogado, e começaram a se afastar.

Mas os vagabundos não tinham o hábito de dormir nus e bêbados no Central Park.

Eve estava com ambos, um estava branco e o outro negro. O seu estado era visivelmente doente, ainda tinha um aspecto débil e levava a mancha do vômito. Ela ordenado que os policiais que criassem um suporte de luzes de modo que a área tivesse um clarão de um falso dia.

Stephanie não tinha sido espancada, tampouco seu cabelo tinha sido cortado. Palmer acreditava na variedade. Houve dezenas de cortes longos, e finas fatias em seus braços e pernas, a carne ao redor das feridas estava seca e descolorida. Algo tóxico imaginou Eve, algo que quando é posto em uma ferida aberta de relativamente menor importância causaria uma agonia. O sangue se permitiu gotejar e secar-se. Seus pés estavam em ângulos agudos, em uma paródia de uma postura de balé. Deslocados.

Esculpidas em seu estômago estavam as letras de molde que eram sua assinatura.

VAMOS MATAR TODOS OS ADVOGADOS

Ele finalmente tinha matado esta, pensou Eve, com o estrangulamento lento e tortuoso, a que era muito aficionado. Examinou a corda, encontrou-a idêntica à usada com o Juiz Wainger.

Outro erro, Dave. Muitos pequenos descuidos desta vez.

Ela pegou seu kit de campo e começou a rotina que seguia nos assassinatos.

* * *

Ela foi para casa para escrever seu relatório, querendo a tranquilidade que encontraria ali a diferença da confusão pós-feriado na Central. Ela enviou uma cópia para o seu comandante, logo enviou mensagens tanto para Peabody como para Feeney. Uma vez que sua ajudante e o melhor homem e Detetive da DDE

despertassem e verificassem seus comunicadores, se apresentariam.

Abasteceu-se de café, logo começou a tediosa tarefa de tirar as cópias dos registros financeiros de Palmer.

Mal havia amanhecido quando a porta entre seu escritório e a do Roarke se abriu. Entrou totalmente vestido, e já podia ouvir o zumbido da equipe de trabalho no quarto atrás dele.

— Está trabalhando em casa hoje? — disse-lhe casualmente, bebendo um gole do seu café enquanto o estudava.

— Sim. — Ele deu uma olhada para seu monitor —. Atrás do dinheiro, Tenente?

— Neste momento. Não é meu guarda-costas, Roarke.

Ele simplesmente sorriu.

— E quem, perguntou, poderia estar mais interessado em seu corpo?

— Sou polícia. Não necessito de uma babá.

Ele se inclinou, e pegou no seu queixo.

— O que quase aconteceu a Peabody duas noites atrás?

— Isso não aconteceu. E não quero você me rondando quando deveria estar trabalhando.

— Posso trabalhar daqui tão fácil e eficientemente como do centro da cidade. Você está perdendo tempo discutindo. E duvido que encontre o rastro de seu dinheiro através dos arquivos oficiais do Palmer.

— Eu sei disso. — A admissão cobriu ambas as declarações, e a frustrou igualmente —. Tenho que começar em algum lugar. Vá embora e me deixe trabalhar.

— Feito por mim, essa é você? — ele baixou sua cabeça e pousou seus lábios sobre os seus.

O som de uma garganta forte e deliberadamente pigarreando chegou da entrada.

— Sinto muito. — Peabody tratou de sorrir. Estava esgotada, e mais que um pouco sonolenta, mas seu uniforme estava engomado e perfeito, como sempre.

— Madrugou. — Eve se levantou, e logo colocou suas mãos fortemente em seus bolsos.

— A mensagem dizia apresentar-se o quanto antes.

— As deixar vocês duas trabalharem. — Sozinhas, pensou Roarke, as duas deixariam atrás o desconforto mais rapidamente — É bom te ver, Peabody. Tenente, — acrescentou antes de fechar a porta entre os quartos —, Você poderia verificar os nomes dos familiares falecidos. A transferência e o saldo dos recursos que envolvem contas com o mesmo sobrenome e laços de sangue são raramente

notados.

— Sim, é isso. Obrigado. — Eve se moveu a seus pés. A última vez que tinha visto seu ajudante, Peabody tinha sido envolvida em uma manta, e seu rosto manchado de lágrimas — Você está bem?

— Sim, em sua maior parte.

Em sua maior parte, sua bunda, pensou Eve.

— Olhe, não deveria ter lhe chamado para este caso. Tire mais alguns dias para se tranqüilizar.

— Senhora. Estaria melhor se voltasse a trabalhar, à rotina. Estar sentada em casa vendo vídeos e comendo batatas fritas de soja não é o modo que quero passar outro dia. No trabalho me recupero mais rápido.

Como ela acreditava o mesmo, Eve se encolheu de ombros.

— Então peque um pouco de café, Peabody, tenho muito trabalho aqui.

— Sim, senhora. — Avançou, pegou uma pequena caixa que estava em seu bolso, e a pôs na mesa enquanto ia ao Auto-Chef —. Seu presente de Natal. Não tive oportunidade de lhe dar isso antes.

— Acho que estávamos um pouco ocupados. — Eve brincou com a fita. Os presentes sempre a fazia se sentir estranha, mas podia sentir os olhos do Peabody nela. Rasgou o papel metálico vermelho, e abriu a tampa. Era uma estrela de prata, um pouco amassada, e descorada.

— É uma velha insígnia de xerife, — disse-lhe Peabody —. Não acredito que parecida com a do Wyatt Earp ou algo assim, mas é oficial. Pensei que você gostaria. Você sabe a longa tradição da ordem pública.

Absurdamente comovida, Eve sorriu abertamente.

— Sim. É maravilhoso. — Para diversão dela, tirou-a e a fixou a sua blusa — Será minha ajudante?

— Se você quiser Dallas. Se ainda estiver de pé sempre, em qualquer lugar.

Levantando o olhar, Eve encontrou seus olhos.

— Está de pé, Peabody. Eu não a teria chamado hoje se pensasse diferente.

— Acredito que tinha que ouvi-lo. Obrigado. Bem... — Ela vacilou, logo levantou suas sobancelhas em interrogação.

— Problemas?

— Não, eu só... — Fez uma pausa, dando a sua cara quadrada, e sóbria uma aparência dolorosamente jovem — Humm.

— Você não gostou do seu presente? — disse Eve levemente — Terá que tratar isso com o Leonardo.

— Que presente? O que ele fez?

— Ele fez o seu guarda-roupa para seu trabalho à paisana. Se você não

gostar...

— A roupa. — Como por arte de magia, o rosto de Peabody se limpou — Vou poder ficar com toda aquela roupa de moda? Todas?

— Que diabos você acha que farei com elas? Agora você vai ficar parada sorrindo como uma idiota ou posso seguir com o caso?

— Posso sorrir e trabalhar ao mesmo tempo, senhora.

— Se instale. Comece a trabalhar e rastreie essa corda. — Empurrou uma descrição da cópia impressa através da mesa —. Quero qualquer venda dentro da semana passada, vendas a granel. Ele utiliza muito delas.

— Quem?

— Chegaremos a isso. Rastreie a corda, logo me consiga uma lista de residências particular “elegantes” vendidas ou alugadas na área metropolitana, no MET^[3], na última semana. Também veículos de luxo particulares... pickups ou sobre aqueles que foram entregues na última semana. Ele necessita de transporte e escolheria um elegante. A gaiola, — resmungou quando começou a marcar o passo — Onde diabos conseguiu a gaiola? Instalação de fauna, detenção de animal doméstico? Vamos monitorar isso. Comece a trabalhar Peabody, te informarei quando Feeney chegar.

Ela tinha chamado o Feeney, pensou Peabody quando se sentou em um computador. Era grande. Era o que precisava.

* * *

— Ambos vamos querer examinar os discos de investigação, perfis, transcrições do caso Palmer que já faz três anos. Feeney, — acrescentou Eve—, recordará a maior parte. Você rastreou e identificou o aparato eletrônico que utilizou nesses assassinatos.

— Sim, me recordo do pequeno bastardo. — Feeney se sentou, franzindo o cenho para seu café. Sua cara habitualmente cansada estava ultrapassada pelo cabelo vermelho rígido que nunca parecia decidir que direção tomar.

Estava usando uma camisa azul, tão dolorosamente lisa e brilhante que Eve imaginou que tinha saído de sua caixa de presente só essa manhã. E estaria comodamente enrugada antes da tarde.

— Como já conhecemos, seu ritmo, seus motivos, e neste caso suas vítimas ou vítimas destinadas, deu-nos uma margem. Ele sabe, e se diverte, porque está seguro de que será o mais inteligente.

—Ele te odeia, Dallas. — Os olhos cansados do Feeney se elevaram encontrando-se com os seus — O maldito sempre te odiou desde o começo.

Deteve-o, e logo o pressionou até que soltou tudo. Ele vai pegar pesado com você

— Espero que tenha razão, porque quero ter o prazer de detê-lo outra vez. Apoderou-se dos dois primeiros de sua lista porque nos tinha enganado. — seguiu — Os outros foram notificados, advertidos, e estão sob proteção. Pode ou não tentar seguir sua ordem. Mas uma vez que se choque com um obstáculo, virá abaixo.

—E virá atrás de você. — observou Peabody.

—Tudo o que outros fizeram aconteceu porque eu o prendi. Sob seu fanatismo é uma mente muito lógica. Tudo o que faz tem uma razão. Essa é sua razão, embora se torceu... mas está ali.

Deu uma olhada a sua unidade do pulso.

—Tenho uma consulta com a Doutora Mira em sua casa em vinte minutos Vou deixar com Feeney para te esclarecer qualquer buraco desta reunião informativa, Peabody. Uma vez que tenha as listas do encargo que te pedi, há uma busca de probabilidades. Vê se podemos estreitar o campo um pouco. Feeney, quando examinar o disco que ele enviou para Nadine, poderia possivelmente identificar algo do computador. Consegue uma conexão, assim poderemos rastrear a fonte. O faremos por etapas, mas rapidamente. Se ele falhar na lista, poderia conformar-se com outra pessoa, qualquer. Está fora a uma semana e já matou duas vezes.

Terminou quando seu comunicador soou. Avançou para tomar sua jaqueta enquanto respondia. Dois minutos mais tarde o guardou em seu bolso. E seus olhos eram lisos e frios.

— Fez a terceira. Ele chegou a Carl Neissan.

* * *

Eve ainda ofegava quando tocou a campainha da elegante casa de pedra vermelha de Mira. O guarda de serviço na porta exigiu ver sua identificação e as confirmou antes de deixá-la entrar e se afastou um pouco. Se o homem designado ao Neissan fizesse o mesmo, Palmer não teria conseguido entrar.

Mira chegou ao fundo corredor em direção a ela. Estava vestida de forma casual com calças, suéter, e sapatos combinando. Mas não havia nada casual em seus olhos. Antes que Eve pudesse falar, ela levantou uma mão.

— Aprecio a sua vinda aqui. Podemos falar lá em cima em meu escritório. — Deu uma olhada à direita quando a risada de um menino entrou por uma porta aberta — Em circunstâncias diferentes apresentaria a minha família. Mas prefiro não colocá-los em mais tensão.

— Vamos deixá-los fora disto.

— Desejo que isso seja possível. — Sem dizer mais nada, Mira começou a subir.

A casa era seu reflexo, observou Eve. Cores relaxantes, decorações suaves, e um estilo perfeito. Seu escritório era a metade do tamanho que anteriormente deveria ter sido um pequeno dormitório. Notou que tinha sido mobiliado com cadeiras profundas com as pernas curvas e com o que pensou era uma escrivaninha de uma dama, e uma extravagante escultura.

Mira ajustou a tela solar em uma janela e se girou ao Auto-Chef instalado na parede.

— Andei examinando o perfil original de David Palmer, — começou ela, satisfeita de que suas mãos estivessem mais firmes quando programou o chá — Eu o manteria, com umas adições devido a seu tempo na prisão.

— Não vim atrás de um perfil. Tenho-o formado.

— Você?

— Entrei no interior de sua cabeça antes. Ambas o fizemos.

— Sim. — Mira ofereceu a Eve uma fina xícara cheia do chá fumegante que ambas sabiam que não desejava — De alguma forma segue sendo a exceção de um grande numero de regras. Ele teve amor e uma infância privilegiada. Nenhum de seus pais exibe nenhum tipo de defeitos emocionais ou psicológicos. Esteve bem na escola, mais do esperado que baixo..., mas nada fora da escala. As provas não mostraram deformidades cerebrais, nem anormalidades físicas. Não há nenhuma raiz psicológica ou fisiológica para sua condição.

— Gosta disso, — disse Eve brevemente — Às vezes o mal é sua própria raiz.

— Eu gostaria de discordar. — murmurou Mira — Os motivos, o porquê de seu comportamento anormal é importante para mim. Mas não tenho motivos, nenhum porquê, para o David Palmer.

— Esse não é seu problema, Doutora. O meu é detê-lo, e proteger às pessoas que escolheu. As primeiras duas de sua lista estão mortas.

— Stephanie Ring? Tem certeza.

— Seu corpo foi encontrado esta manhã. Carl Neissan foi seqüestrado.

Desta vez a mão de Mira tremeu, sacudindo sua xícara em seu pires antes de afastá-lo.

— Ele estava protegido.

— Palmer conseguiu um traje de polícia, golpeou a maldita porta, e se fez passar pelo substituto do turno, e o policial não o questionou. Foi para casa num tardio Jantar de Natal. Quando foi cumprir seu turno pela manhã, encontrou a casa vazia.

— E a substituição da noite? O verdadeiro?

— Dentro do porta-malas de sua unidade. Sedado e amarrado mas por outro lado ileso. Não se recuperou o suficiente para ser interrogado ainda. Mas isso não importa. Sabemos que foi Palmer. Providenciei para que Justine Polinsky seja transferida para uma casa segura. Você vai querer pegar alguma de suas coisas, Doutora. Você está indo para um abrigo.

— Você sabe que não posso fazer isso, Eve. Este é meu caso, tanto como é seu.

— Você está errada. É uma assessora, e isso é tudo. Não preciso de conselho. Já não estou segura que possa estar devidamente protegida neste lugar. Estou te removendo.

— Eve...

— Não me fudas. — Saiu brusco, muito afetado, e Mira se afastou pela surpresa — Você está sob custódia policial. Pode levar algumas coisas pessoais ou pode ir como está. Mas você está indo.

O apelo ao controle que corria dentro dela como sua própria corrente sanguínea, Mira dobrou suas mãos em seu colo.

— E você? Vai estar segura?

— Eu não sou sua preocupação.

— É obvio que é, Eve, — disse Mira em voz baixa, olhando a tormenta de emoções nos olhos do Eve — Como eu sou a sua. E a família lá em baixo é a minha. Eles não estão seguros.

— Vou te proteger. E os protegerei.

Mira afirmou com a cabeça, e fechou seus olhos brevemente.

— Seria um grande alívio para eu saber que estão longe daqui, e protegidos. É difícil me adaptar quando estou preocupada com seu bem-estar.

— Ele não os tocará. Prometo-te.

— Vu confiar na sua palavra. Agora quanto ao meu estado...

— Eu não te dou nenhuma escolha, doutora Mira.

— Só um momento. — Controlada outra vez, Mira recolheu seu chá —. Penso que estará de acordo... Tenho tanta influência com seus superiores como você. Apenas ajudaria a ambas jogar no mesmo jogo. Não sou obstinada ou valente. — acrescentou —. Estas são as suas características.

O fantasma de um sorriso curvou sua boca quando Eve a olhou com o cenho franzido.

— Admiro-te. É também uma mulher que pode ver o objetivo além da emoção. O objetivo é deter David Palmer. Posso ser de ajuda. Ambas sabemos. Com minha família longe estarei menos distraída. E não posso estar com eles, Eve porque me preocupa que machuque alguém tentando chegar até mim.

Fez uma pausa por um momento, e julgou que Eve estava a considerar.

— Não vou discutir sobre os guardas aqui ou em meu consultório. De fato, quero-os. MUITÍSSIMO. Não tenho intenção de me expor a nenhum perigo ou riscos desnecessários. Peço-te só que me deixe fazer meu trabalho.

— Pode fazer seu trabalho para onde vou te levar.

— Eve. — Suspirou Mira — Se puser tanto a mim como ao Justine fora de seu alcance, há uma verdadeira possibilidade de que seqüestre a mais alguém. — Ela afirmou com a cabeça — Você já considerou isso. Não virá pra você até que esteja preparado. Você é o grande prêmio. Se ninguém mais estiver acessível, ele vai atacar. Ele vai querer manter seu programa, inclusive se isso requer ter um substituto.

— Tenho algumas pistas sobre ele.

— E o encontrará. Mas se acredita que sou acessível, se estou ao menos visível, estará satisfeito em centrar suas energias em me apanhar. Espero que considere isso. — Sorriu novamente, mais fácil agora — E tenho a intenção de fazer tudo o que possa para te ajudar.

— Posso fazer com que você vá. Toda sua influência não importará se te algemar e te levo para fora daqui. Estará furiosa, mas segura.

— Eu não me colocaria na sua frente, — Mira concordou—. Mas sabe que tenho razão.

— Vou redobrar seus guardas. E colocarei um bracelete de identificação. Trabalhará aqui. Não sairá de casa por nenhuma razão. — Seus olhos cintilaram quando Mira começou a protestar — Se me pressiona nisto, vai saber como se sente ser algemada. — levantou-se —. Seus guardas farão registros a cada hora. Sua comunicação será interceptada.

— Isso apenas me faz parecer acessível.

— Ele saberá que está aqui. Terá que ser suficiente. Tenho trabalho para fazer. — Eve avançou para a porta, vacilou, e logo falou sem voltar-se —. Sua família é importante pra você.

— Sim, é obvio.

— Você é importante para mim. — afastou-se rapidamente, antes que Mira pudesse estabilizar seus pés.

Capítulo Seis

Eve se dirigiu ao laboratório depois de falar com Mira. De lá planejou uma parada no necrotério e depois na casa Carl Neissan antes de voltar para seu escritório.

Recordando a preocupação de Mira por sua família, chamou o Roarke por seu Tele-link depois de estacionar e entrar no edifício.

— Por que está sozinha? — foi a primeira coisa que lhe disse.

— Pare com isso. — Mostrou sua insígnia ao segurança, logo se dirigiu através do vestíbulo e abaixo para os laboratórios —. Estou em uma instalação segura, rodeada por policiais de aluguel, monitores, e estúpidos laboratoristas. Tenho um trabalho que fazer. Me deixe fazê-lo.

— Ele já capturou três dos seis.

Deteve-se, e pôs os olhos em branco.

— OH, entendo. Mostra que tipo de fé tem em mim. Suponho que ser polícia por dez anos me faz um peixe tão fácil como um juiz de setenta anos e um par de elegantes advogados.

— Está-me irritando, Eve.

— Por que? Porque tenho razão?

— Sim. E é uma arrogante. — Mas seu sorriso se enfraqueceu um pouco — Por que me ligou?

— Sei que posso ser arrogante. Estou no laboratório, abordarei ao imbecil do Dickie. Tenho umas paradas que fazer depois desta. Avisarei-te.

Era uma forma casual de lhe avisar que entendia que ele se preocupava. E ele o aceitou, no mesmo tom.

— Tenho várias reuniões e conferencia esta tarde. Chame-me na linha particular. Cuide de suas costas, Tenente. Sou muito afeiçoado a ela.

Satisfeita, entrou no laboratório. Dickie, o chefe responsável, estava ali, vendo-se sonolento e pálido enquanto contemplava a leitura em seu monitor.

A última vez que tinha estado no laboratório, tinha havido um inferno de festa. Agora aqueles que se incomodaram em incorporar-se trabalhavam lentamente e se viam pior.

— Preciso do relatório, Dickie. Wainger e Ring.

— Jesus, Dallas. — Ele elevou a vista amargamente, encurvando seus ombros

— Não fica alguma vez em casa?

Já que parecia doente, deu-lhe uma pequena margem. Silenciosamente abriu sua jaqueta, e tocou a estrela chapeada sujeita em sua blusa.

— Sou a lei. — disse sobriamente — A lei não tem lar.

Ele sorriu um pouco, e logo gemeu.

— Cara, consegui a mãe de todas as ressacas de Natal.

— Mescla uma bebida, Dickie, e esquece-o. Dave tem o número três.

— Dave o que?

— Palmer, David Palmer. — Resistiu soltar sua impaciência esbofeteando-o de um lado da cabeça. Mas se imaginou fazendo-o — Não leu a maldita circular?

— Só faz vinte minutos que estou aqui. Jesus. — Fez rodar seus ombros esfregou-se a cara, e soprou bruscamente três vezes pelo nariz — Palmer? Essa aberração está enjaulada.

— Já não está mais. Escapou e está de volta em Nova York. Wainger e Ring são obras dele.

— Merda. Maldita merda. — Não parecia menos doente, mas seus olhos estavam alerta agora — A maldita semana de Natal e obtemos a exemplar psicopata mais anormal do mundo.

— Sim, e Feliz Ano Novo, também. Necessito os resultados, da corda, e sobre o papel. Quero saber o que utilizou para esculpir as cartas. Conseguiu algum cabelo ou fibra da equipe forense?

— Não, espera só um maldito minuto. — moveu-se rapidamente em sua cadeira ao redor de sua mesa, lançou ordens para o seu computador, e grunhiu quando explorou os dados — Os corpos estavam limpos. Nenhum cabelo além dos da vítima. Nenhuma fibra.

— Ele sempre os manteve limpos. — murmurou Eve.

— Sim, eu me lembro. Lembro-me. Obtiveram um pouco de pó... como areia entre os dedos dos pés de ambas as vítimas.

— Pó de concreto.

— Sim. Conseguirei a classificação, e o período possível. Agora a corda. — deslizou-se para trás — Estou só olhando, fazendo uma prova. Nada especial ou específico sobre ela. A corda com que os amarra é de nylon padrão. Me dê algum tempo, e te conseguirei a marca.

— Quanto tempo?

— Duas horas, três no máximo. Leva mais tempo quando é padrão.

— Faça isso rápido. — afastou-se — Estarei na área.

* * *

Ela parou no necrotério para falar com o diretor dos médicos legistas. Era mais difícil intimidar ao Morse que apressá-lo.

Não houve nenhum assalto nem molestamento sexual, nenhuma mutilação nem feridas nos genitálias.

Típico do Palmer pensou enquanto repassava o relatório preliminar do Morse em sua mente. Ele era tão completamente assexuado como ninguém com quem se enfrentou. Duvidou que inclusive pensasse no gênero de suas vítimas além de como uma estatística para seus experimentos.

O sistema nervoso central do Wainger foi prejudicado com severidade. O sujeito sofreu um enfarte cardíaco menor durante o período de tortura e seqüestro. O ânus e o interior da boca mostraram impulsos elétricos. Ambas as mãos esmagadas com um instrumento liso, pesado. Três costelas quebradas.

A lista de feridas continuou até que Morse confirmou a causa de morte como estrangulamento. E a hora da morte como sendo meia-noite de vinte e quatro de dezembro.

Passou uma hora onde Carl Neissan morava, outra onde morava Wainger. Em ambos os casos, pensou, a porta tinha sido aberta, e permitiram Palmer de entrasse. Era bom nisso. Bom em pôr um sorriso bonito e falar bem.

Parecia tão inocente o maldito, pensou enquanto subia os degraus para sua própria porta principal. Inclusive seus olhos... e os olhos pelo geral diziam que eram os de um homem jovem, inofensivo. Não tinham piscado, nublado ou esclarecido, nem sequer quando se sentou no interrogatório frente a ela e havia descrito cada assassinato.

Tinham tomado um brilho de loucura só quando falou do alcance e a importância de seu trabalho.

— Tenente. — Summerset, alto e magro vestido de preto, escorregou para fora de uma porta — Devo assumir que seus convidados ficarão para almoçar?

— Convidados? Não tenho nenhum convidado. — tirou sua jaqueta, e a atirou no poste do pilar — Se quer dizer a minha equipe, nos ocuparemos disso.

Ele tomou a jaqueta do poste justo quando começava a subir. Ante seu grunhido desgostoso de repugnância deu uma olhada para trás. Ele sustentava com seus dedos as luvas que tinha feito uma bola no bolso de sua jaqueta.

—O que fez com elas?

—É só selador. — Os quais tinha se esquecido de limpar antes de colocá-los em seu bolso.

— São de couro italiano feito a mão, com forro de visom.

— Visom? Merda. É o que está louco? — Sacudindo sua cabeça, seguiu subindo — Forro de visom, pelo amor de Deus. As tereis perdido antes de na próxima semana, então algum estúpido visom terá morrido por nada. — Deu uma olhada pelo vestibulo à porta do escritório do Roarke, sacudiu sua cabeça outra vez,

e caminhou para a sua.

Tinha razão, notou Eve. Sua equipe podia se ocupar do almoço por si mesmo. Feeney estava comendo uma espécie de empanado de último nível enquanto murmurava ordens ao computador e investigava. Peabody tinha uma tigela profunda de massa, tirando-os para cima com uma só mão, deslizando um montão com a outra.

Seu escritório cheirava como um restaurante fino e soava como uma delegacia de polícia. O computador e as vozes humanas soavam, a impressora cantarolava, e o comunicador principal emitia um sinal sonoro e era ignorado.

Partiu as pressas e o respondeu ela mesma.

— Dallas.

— Ouça, consegui sua corda. — Quando viu Dickie empurrar um pepino em conserva em sua boca, perguntou-se se cada estômago de funcionário público tinha despertado ao mesmo tempo — A corda com que os amarrou é de fibra sintética resistente, como eu disse. Este tipo específico é muito resistente, para carga pesada. Fabricado pela Kytell em Nova Jersey. Você está querendo chegar ao distribuidor, esse é seu objetivo.

— Sim. Obrigado. — Cortou a transmissão, pensando que Dickie não era sempre um completo imbecil. Tinha completado o serviço e não tinha pedido um suborno.

— Tenente, — começou Peabody, mas Eve levantou um dedo e caminhou para a porta de Roarke e entrou — A Kytell em Nova Jersey é sua?

Então ela parou e estremeceu quando ela viu que ele estava em meio de uma conferência holográfica. Várias imagens giraram, e a estudaram com olhos educados e aborrecidos.

— Sinto muito.

— Está bem. Senhores, senhoras, esta é minha esposa. — Roarke se reclinou em sua cadeira, enormemente divertido porque Eve fazia por descuido sua ameaça de interromper em um de seus entendimentos “multimilionários” só para incomodá-lo — Se me perdoam um momento. Caro?

A sua assistente administrativa se levantou, e sorriu.

— É óbvio. Trocaremos à sala de conferências momentaneamente. — A imagem girou, dirigiu suas mãos sobre o teclado que só ela podia ver, e os olhos se afastaram.

— Deveria ter batido ou algo assim.

— Não há problema. Esperarão. Estou a ponto de fazê-los a todos muito ricos. Eu possuo o que?

— Teve que dizer “minha esposa” precisamente dessa forma, como se

acabasse de subir correndo da cozinha?

— Uma imagem muito mais serena que lhes contar que acabava de vir do necrotério. E é uma companhia bastante conservadora a que estou a ponto de comprar. Agora, possuo o que e por que quer saber?

— Kytell, situada em Nova Jersey. Eles fazem corda.

— Eles? Bem, não tenho nem idéia. Só um momento. — girou-se para o console, solicitando a informação da companhia.

O que pensou Eve com certa irritação, ela mesma poderia ter feito.

— Sim, eles são um braço da Yancy, que é parte das Indústrias Roarke. E é o que, presumo, fez a arma do crime.

— Acertou na primeira.

— Então você deseja saber do distribuidor, as lojas na área de Nova York onde grandes quantidades foram vendidas a um comprador dentro da semana passada.

— Peabody pode conseguir isso.

— Eu o obterei mais rápido. Me de trinta minutos para terminar aqui, logo te mando os dados para sua unidade.

— Obrigado. — Começou a sair, e retornou —. A terceira mulher à direita? A ruiva? Estava lhe mostrando as pernas... mais uma polegada acima a fenda da saia lhe mostraria o meio de suas pernas.

— Eu notei. Pernas muito bonitas. — Sorriu —. Mas nem assim conseguirá mais de oitenta por cento das ações. Algo mais?

— Não é ruiva natural, — disse Eve para sua tortura e ouviu que ele ria quando fechou a porta entre eles.

— Senhora. — Peabody se levantou — Acredito que tenho uma pista do veículo. Três possíveis, exclusivos de alta qualidade vendidos a homens desacompanhados próximo dos vinte anos, em vinte e vinte um de dezembro. Duas vendas na zona Leste de Nova York e uma no Brooklyn.

— Imprima cópias da foto do Palmer.

— Já está feito.

— Feeney?

— O estou examinando.

— Segue examinando. Roarke devera ter alguns dados da arma do crime dentro de meia hora. Envia-me isso quando estiver pronto, sim? Peabody vem comigo.

A primeira revendedora estava limpa, e quando chegou ao segundo, Eve sinceramente esperou não ter que se dirigir ao Brooklyn. Os novos veículos brilhantes no chão do salão de exposição fizeram que os olhos do Peabody brilhassem de cobiça. Só a rápida cotovelada de Eve lhe impediu de acariciar o capô de um Booster 6Z, o veículo esportivo do ano.

— Mantém um pouco de dignidade, — grunhiu Eve. Assinalou a um atendente, que não pareceu muito feliz quando lhe mostrou sua insígnia —. Preciso falar com o responsável que vendeu um veículo como esse — gesticulou por volta de um Booster — a semana passada. Um tipo jovem o comprou.

— Lana vendeu um do 6Z uns dias antes de Natal. — Agora pareceu ainda mais infeliz — Ela freqüentemente persegue os homens mais jovens. — Assinalou a uma mulher em um escritório no lado oposto do salão de exposição.

— Obrigado. — Eve avançou, notando que Lana tinha uma explosão de cachos negros lustrosos que caíam em cascata sob suas costas, um fone de ouvido sobre ele, e conversava rapidamente com um cliente em potencial na linha enquanto operava manualmente um teclado com suas unhas pintadas de um vermelho vivo.

— Posso lhe pôr nisso por oito ao mês. Oito por mês e estará atrás do volante mais atrativo, e a mais poderosa unidade de ar atualmente produzida. Estou cortando minha comissão ao osso porque quero lhe fazer feliz.

— Faça-o feliz mais tarde, Lana. — Eve sustentou sua insígnia diante da cara de Lana.

Lana pôs uma mão sobre o bocal, estudou a identificação, e amaldiçoou suavemente. Imediatamente sua voz voltou a derreter-se.

— Jerry, de mais uma olhada no vídeo e experimente correr com os lhos. Se não sorrir ao final, o 7000 não é para você. Você me chama e me avisa. Lembre-se, quero você feliz. Ouviu?

Ela desconectou, e fulminou Eve com o olhar.

— Paguei essas malditas infrações de estacionamento. Todas.

— Fico feliz em ouvi-la. Nossa cidade necessita seu apoio. Necessito informação de uma venda que fez a semana passada. Um Booster. Você foi contatada hoje mais cedo e o confirmou.

— Sim, é verdade. Tipo agradável, cara bonita. — Sorriu — Sabia o que queria.

— Este é o tipo? — Eve fez gestos a Peabody, que lhe mostrou a foto.

— Sim. Lindo.

— Sim, é na verdade bonito. Necessito os dados. Nome, endereço, trabalho.

— Claro, não há problema. — Girou para sua máquina, e solicitou a leitura. Logo, olhando para trás de Eve, entrecerrou seus olhos — Você me parece conhecida. Vendi-lhe um carro?

Eve pensou em seu exemplar do departamento, a patética ervilha verde com um acabamento em estilo fechado.

— Não.

— Você de verdade... OH! — Lana se iluminou como uma Árvore de Natal — Claro, claro, você é a esposa do Roarke. A esposa policial do Roarke. Tenho visto você na tela. A verdade é que ele tem uma extensa coleção de veículos. Onde é que ele anda?

— Em qualquer lugar que deseje, — disse Eve breve, e Lana soltou uma risada alegre.

— OH, estou segura que o faz. Eu adoraria enormemente lhe mostrar nosso novo Barbarian. Não estará no mercado por outros três meses, mas posso arrumar uma exposição privada. Se você somente lhe desse meu cartão, Sra. Roarke estaria...

— Vê isto? — Eve tirou sua insígnia outra vez, e quase a empurrou em cima da coquete nariz de Lana — Diz “Dallas”. Tenente Dallas. Não estou aqui para arrumar sua seguinte comissão. É uma investigação oficial. Me dê os malditos dados.

— Certamente. É óbvio. — Se suas plumas se agitaram Lana o escondeu bem

— Um, o nome é Peter Nolan, 123 Este Sessenta e oito, apartamento 4-B.

— Como pagou?

— Que recorde. Transferência eletrônica Direta. Completa. Não quis financiar. A transferência foi solicitada, recebida, e confirmada, e saiu como um homem feliz.

— Necessito toda a informação do veículo, inclusive a licença temporária e a matrícula. Descrição completa.

— Bem. Caramba, o que ele fez? Matou alguém?

— Sim, ela disse.

— Uau! — Lana rapidamente copiou o disco de dados — Já não se pode confiar em uma cara bonita. — disse e introduziu seu cartão de visita no pacote do disco.

Capítulo Sete

Peter Nolan não vivia no endereço da Rua Sessenta e oito. Kowaskis, um casa de idosos, e seu decrepito Schnauzer viviam naquele lugar há quinze anos.

Uma inspeção no banco mostrou que a conta do Nolan tinha sido aberta, em pessoa, em 20 de dezembro daquele ano e foi fechada em 22 de dezembro.

Só o tempo suficiente para fazer a compra, pensou Eve. Mas onde tinha conseguido o dinheiro?

Tomando o conselho de Roarke, finalizou um dia muito comprido começando a busca em contas sob o nome de Palmer. Isso, pensou, esfregando os olhos, ocuparia uma grande parte do seu tempo.

Quanto tempo tinha Carl? Perguntou-se. Acreditava que teria mais um dia. Se Palmer estivesse em forma, começaria a desfrutar muito de seu trabalho para precipitar-se excessivamente. Mas em algum momento dentro das vinte e quatro horas seguintes, acreditou que aspiraria por Justine Polinsky.

Enquanto sua máquina trabalhava, reclinou-se e fechou os olhos. Quase meia-noite, pensou. Outro dia. Feeney estava terminando seu trabalho. Estava segura que a sua equipe teria uma pista, logo, logo encontrariam as casas que confirmar. Tinham a marca, o modelo, e a licença de seu veículo.

Ele tinha deixado um rastro, pensou. Queria que o seguisse, queria sua culminação. O filho de puta.

É entre você e eu, não é assim, Dave? Pensou quando sua mente começou a ir à deriva. O quanto rápido, e inteligente ele pode ser? Supõe que tudo será mais doce quando me tiver nessa jaula. É porque o deseja tanto que comete enganos. Pequenos enganos.

Vou te prender através deles.

Deslizou-se no sonho enquanto seu computador zumbia e só despertou quando sentiu que estava sendo elevada.

— O que? — Por reflexo alcançou a arma que já estava tirando.

— Tem que se deitar. — Roarke a aproximou enquanto abandonava o escritório.

— Só estava descansando meus olhos. Tenho dados processando. Não me leve.

— Estava morta, os dados estarão ali pela manhã, e já estou te levando.

— Estou-me aproximando, mas não o suficiente.

Ele tinha visto os dados financeiros em sua tela.

— Darei uma olhada nas contas pela manhã, — disse-lhe quando a colocou na

cama.

— Tenho que cercá-lo.

Desprende sua insígnia, e a pôs a um lado.

— Sim, Xerife, mas o dinheiro é meu negócio. Se desligue um momento.

— Estará dormindo neste momento. — Deixou Roarke despi-la — Em uma cama grande, e suave com lençóis limpos. Dave gostava de estar limpo e cômodo. Terá um monitor no dormitório por onde poderá olhar ao Neissan. Gosta de olhar antes de ir dormir. Ele me disse isso.

— Não pense. — Roarke se deslizou na cama ao seu lado, aproximando-a.

— Ele me quer.

— Sim, eu sei. — Pressionou seus lábios em seu cabelo tanto para consolar-se como para consolar ela — Mas não poderá te ter.

* * *

O sono ajudou. Deixou-se cair pela casa como uma pedra e tinha dormido profundamente durante seis horas. Não tinha havido nenhuma chamada durante a noite para revelar que o corpo do Carl Neissan tinha sido encontrado.

Outro dia, pensou novamente e partiu rápido para o seu escritório. Roarke estava em seu escritório, freneticamente investigando dados.

— O que está fazendo? — Quase lhe saltou — Isso é confidencial.

— Não diga estupidez, querida. Estava-te estendendo muito ontem à noite. Vocês passarão dias reunindo e rechaçando todas as contas sob o nome Palmer. Necessita uma que mostre uma considerável atividade, grandes transferências, e conexões com outras contas... que é, é obvio, a parte mais complicada se está tratando com alguém que sabe como encobrir o dinheiro.

— Não pode só se sentar e começar a revisar os dados recolhidos em uma investigação.

— É obvio que posso. Necessita de café. — Elevou a vista brevemente — Então se sentirá mais você mesma e te mostrarei o que tenho.

— Sinto-me exatamente como eu mesma. — O qual, admitiu, nesse momento estava de mau humor e nervosa. Caminhou com passo majestoso para o Auto-Chef, por uma caneca grande de café quente e preto. A cafeína deliciosa e verdadeira que Roarke adquiria entrou diretamente por seu organismo.

— O que conseguiu? — perguntou quando voltou.

— Palmer foi muito simples, muito óbvio, — começou Roarke, e ela estreitou seus olhos.

— Não pensou o mesmo ontem.

— É obvio que iria procurar por parentes, mesmos nomes. Deveria ter sugerido que tentasse o sobrenome de solteira de sua mãe. Riley. E aqui temos a conta de um Palmer Riley. Foi aberta faz seis anos, conta de comissão padrão operada. Já que houve um pouco de atividade durante os seis meses passados, assumiria que seu homem encontrou um modo de ter acesso a um comunicador ou a um computador na prisão.

— Não deveria ter estado perto de um. Como pode estar certo?

— Sabe como trabalha o dinheiro, e quão fluido pode ser. Vê aqui que faz seis meses tinha um balanço de apenas 1.3 milhões de dólares. Durante os últimos três anos, toda ação foi automática, diretamente operada sem ingresso do titular da conta. Mas aqui começa a fazer transferências. A qui consta uma conta sob o nome de Peter Nolan, o que, a propósito, é o nome do marido de sua tia pelo lado de seu pai. Contas estrangeiras, contas fora do planeta, e contas locais de Nova York... nomes diferentes, identidades diferentes. Teve este dinheiro por algum tempo e esperou, sentado nele até que encontrou o modo de usá-lo.

— Quando o apanhei anteriormente, congelamos suas contas, conta sob o nome do David Palmer. Não aprofundamos mais. Não pensei nisso.

— Por que deveria ter feito? Deteve-o, e o prendeu. Supunha-se que permaneceria preso.

— Se tivesse esclarecido tudo, não teria tido o apoio para voltar.

— Eve, ele teria encontrado uma forma — Esperou até que ela o olhou — Você sabe disso.

— Sim. — Soltou um longo suspiro — Sim, sei. Isto me indica que o esteve planejando, fazendo compras, fazendo malabarismo com os recursos, represando-os em contas encobertas. Tenho que as congelar. Não acredito que um juiz vá discutir com você, não depois o que aconteceu com um dos seus.

— Ficará muitíssimo zangado.

— Esse é o plano. Necessito os nomes, números, as localizações de todas as contas às que possa conectá-lo. — Suspirou — Portanto adivinho que estou em dívida com você.

— Use seu presente, e ficaremos quites.

— Meu presente? Ah, sim. Onde e ou que desejo fazer por um dia. Me deixe pensar sobre isso um pouco. Ultimamo-lo, e o usamos a véspera de ano novo.

— É um trato.

Um pensamento horrível se moveu sigilosamente em sua ocupada mente.

— Não temos nada para o Ano Novo, verdade? Nenhuma festa ou algo.

— Não. Não quis nada, só você.

Girou-se para ele, entrecerrando seus olhos justo quando o sorriso se

alargava.

— Práticas para dizer esse tipo de coisas?

— Não. — Ele se levantou, emoldurou seu rosto e a beijou, forte e profundamente — Tenho todo esse material no disco.

— É um tipo hábil, Roarke. — Passou seus dedos por seu cabelo e simplesmente se perdeu durante um momento em seu olhar. Logo, dando uma sacudida, retrocedeu — Tenho que trabalhar.

— Espera. — Agarrou sua mão antes que ela pudesse se afastar. — O que foi isso?

— Não sei. Só me acontece de vez em quando. Você, suponho, confunde-me às vezes. Agora não tenho tempo para isto.

— Querida Eve. — Passou seu polegar sobre seus nódulos — Se assegure de dar um tempo mais tarde.

— Sim, o farei.

* * *

Trabalharam juntos, uma hora antes que Peabody chegasse. Trocou de trabalho, deixando Roarke fazer o que melhor sabia — manipular dados — enquanto se enfocava em residências privadas compradas na área de Nova York, ampliando o tempo aos seis meses desde que Palmer tinha ativado sua conta.

Feeney entrou para lhe informar que tinha identificado parte da equipe de gravação e seguia.

Eve juntou seus dados e se levantou.

— Temos mais de trinta casas que verificar. Tem que fazer-se a domicílio já que não confio nos nomes e dados. Ele poderia ter usado algo. Peabody...

— Vou com você, senhora.

— Correto. Roarke estarei fora.

— Te avisarei quando tiver tudo coberto.

Olhou-o trabalhar tranqüilamente, a fundo, metodicamente. E se perguntou que inferno era lidar com aquilo que é muitas vezes pensava como seu Império.

— Olhe, posso chamar um homem para isto. McNab...

— McNab. — Peabody se estremeceu ante o nome antes de poder conter-se. Tinha uma trégua temporária com o detetive do DDE, mas isso não significava que queria compartilhar seu caso com ele. Outra vez — Vamos Dallas. Estava tão agradável e tranqüilo por aqui.

— Vai continuar com isso. — Roarke lançou um olhar para ela, e piscando para Peabody — Tenho agora um motim.

— Independentemente disso mande para o Feeney, os dados quando tiver tudo. Vou verificar a corda, também. Provavelmente recolheu tudo sozinho, mas só tomaria uma entrega para precisar seu buraco.

* * *

Depois de três horas batendo nas portas, perguntando a pais profissionais, donas de casa, ou outros que optavam por trabalhar em seu próprio lar, Eve se compadeceu de Peabody e a levou para um posto móvel de comida.

Nessa vizinhança os postos estavam limpos, os toldos ou sombrinhas brilhantes, os operários amáveis. E os preços obscenos.

Peabody se estremeceu quando foi obrigada a usar um cartão de crédito só para o café, um kabob^[4], e uma pequena quantidade de finas batatas fritas.

— É meu metabolismo, — resmungou quando subiu no carro — Tenho um que consumir combustível com regularidade.

— Então te encha, — aconselhou Eve — Vai ser um longo dia. Ao menos a metade dessa gente não vai estar em casa até depois das cinco quando terminarem seu turno

Pegou o comunicador quando emitiu um sinal sonoro.

— Dallas.

— Olá, Tenente. — Roarke a observou sobriamente — Seus dados estão entrando.

— Obrigado. Começarei com a autorização.

— Uma coisa... não encontrei nenhuma conta com uma retirada ou transferência que parecesse o bastante grande para uma compra ou pagamento à vista de uma casa. Um gancho é possível, mas sim, como me disse, não financiou um carro, provavelmente não quis tratar com crédito e CompuGuard de fundo e verificações.

— Tem uma maldita casa, Roarke. Eu sei.

— Estou seguro que tem razão. Não estou convencido que a tenha adquirido recentemente.

— Ainda está faltando vinte para averiguar, — respondeu—. Tenho que chegar até o final. Talvez tenha só alugado. Gosta de possuir, mas possivelmente desta vez alugou. Verificarei por este caminho, também.

— Não houve nenhuma transferência padrão ou retirada que indicariam pagamentos de hipoteca ou aluguel.

Ela assobiou.

— É grotesco.

— O que?
— Como você seria um bom policial.
— Não acredito que me insultar seja apropriado dadas as circunstâncias. Tenho certos negócios próprios que atender. — disse quando lhe sorriu abertamente — Retornarei em breve mais tarde.

* * *

Palmer tinha comprado, e escolhido pessoalmente cento e vinte metros de corda de nylon de uma loja de depósitos de fornecimentos do Canal. O recepcionista que havia tratado da venda o identificou na foto e tinha mencionado como o jovem tinha sido simpático com o Sr. Dickson. Com Dickson, Palmer também tinha comprado uma dúzia de polias de carga pesada, um fornecimento de anéis aço, cabos, e um prático jogo completo de instrumentos Steelguard para dona de casa, inclusive o pacote acessório de laser.

Toda a compra tinha sido carregada na área de carga em seu novo Booster-6Z novo e brilhante — que o empregado da loja tinha admirado — na manhã de 22 de dezembro.

Eve imaginou que Palmer tinha sido um pequeno parasita ocupado esse dia e também o seguinte, estabelecendo sua câmara particular de horrores.

Lá pelas oito já tinham eliminado todas as casas da lista inicial de Eve.

— É isso aí. — Eve subiu em seu carro e pressionou seus dedos em seus olhos —. Todos comprovados. Vou te deixar em uma parada de transporte, Peabody.

— Vai para casa?

Eve baixou suas mãos.

— Por quê?

— Porque não estou de folga se começar a investigar a lista de aluguéis que te dei.

— Como é que é?

Peabody pôs firme seu queixo. Eve sentiu uma frieza descendo por sua espinha dorsal quando adquiriu esse tom de oficial superior.

— Não vou ficar de folga, senhora, deixando-a só na área com o Palmer solto e você como um alvo. Com todo respeito, Tenente.

— Você não acha que eu possa lidar com um pequeno e insignificante deficiente mental?

— Acredito que você pretende lidar com muitas coisas. — Peabody suspirou — Eu estou ficando, Dallas.

Eve estreitou seus olhos.

— Você esteve falando com o Roarke? — Ante a rápida piscada dos olhos de Peabody jurou — Maldição.

— Ele tem razão e você se equivoca. Senhora. — Peabody fortalecida pela explosão, estava determinada a resistir, logo quase a olhou com olhos exagerados pelo choque.

— Talvez, — foi tudo o que Eve disse quando arrancou pelo meio fio da calçada.

Uma vez que já estava no rolo, Peabody lançou um olhar para Eve.

— Você não comeu o dia todo. Nem sequer roubou alguma de minhas batatas fritas. Poderia comer.

— Bem, está bem. Cristo, Roarke tem seu número, verdade?

— É o meu desejo.

— Feche com um zip, Peabody. Abasteceremos-nos de combustível o nosso metabolismo, e logo começaremos com as unidades de aluguel.

— Fecharei com prazer, senhora.

Capítulo Oito

Começou a nevar perto da meia-noite, grossos flocos frios com bordas cristalizados. Eve olhou pelo pára-brisa e disse que era hora de parar. A noite estava terminada. Nada mais se podia fazer.

— Ele tem todas as cartas, — murmurou.

— Tem uma mão bastante boa, Dallas. — Peabody se moveu em seu assento, agradecida pelo calor do carro. Inclusive seus ossos estavam intumescidos.

— Não importa o que tenho. — Eve saiu da última unidade de aluguel que tinham verificado — Não esta noite. Sei quem é, a quem vai matar. Sei como o faz e por que. E esta noite isso não significa uma maldita coisa. As probabilidades são de que ele esta fazendo com Carl neste momento.

Era estranho ver Eve desencorajada. Zangada, sim, pensou Peabody com certa preocupação. E controlada. Mas não podia recordar alguma vez antes essa tranqüila resignação na voz de sua tenente.

— Cobriu todos os ângulos. Tomou todas as medidas.

— Isso não vai servir muito para Carl. E se houvesse abrangido todos os ângulos, teriam ao filho de puta. Logo perco um. Ele escapa porque não posso apanhá-lo.

— Só está no caso ha três dias.

— Não. Tive-o por três anos. — Quando cruzou uma luz, seu comunicador emitiu um sinal sonoro — Dallas.

— Tenente, é o Detetive Dalrymple, atribuindo a vigiar a residência Polinsky Temos um sujeito masculino de raça variada, na metade dos vinte anos, altura e constituição média. Vai a pé e leva um pequeno saco. Usou o que pareceu ser um código chave para entrar no lugar. Agora está dentro.

— Estou a três quadras ao leste de sua posição e a caminho. — Já tinha dado a volta à esquina voando — Proteja tudo, chame por apoio. Não tem sentido, — resmungou ao Peabody enquanto foram atravessando Madison —. Simplesmente entrou? Caindo diretamente em nosso colo? Não faz nenhum fodido sentido.

Freou chiando a meia quadra da direção. Sua arma estava em sua mão antes que baixasse à calçada.

— Peabody, a unidade do Polinsky está no quarto piso, ao lado sul. Vai, e toma a escada de incêndios. Se sair por ali, o detenha rapidamente.

Eve cobriu a parte por diante do edifício e, muito impaciente para esperar pelo elevador, correu pelas escadas. Encontrou com Dalrymple no quarto piso, com a arma na mão enquanto esperava ao lado da porta.

— Tenente. — Deu-lhe um breve aceno com a cabeça —. Meu parceiro está na parte posterior. O sujeito está lá dentro a menos de cinco minutos. O apoio está a caminho.

— Bem. — Estudou a cara do Dalrymple, encontrou seus olhos estáveis — Não os esperaremos. Entraremos silenciosamente, — acrescentou, tirando seu código mestre para abrir a fechadura.

— Conte comigo. — Ele estava preparado ao lado dela.

— Em três. Um, dois. — Golpearam a porta, franquearam por acima e abaixo costas contra costas, varrendo com suas armas. A música estava tocando, um primitivo batuque de tambores detrás de guitarras e violões. Na área de estar, a tela de humor tinha sido posta em vermelhos profundos e azuis flutuantes que se mesclavam o um com o outro.

Assinalou ao Dalrymple à esquerda, tinha dado dois passos à direita quando um homem nu saiu da cozinha levando uma garrafa de vinho e uma solitária rosa vermelha.

Ele gritou e deixou cair a garrafa. O vinho se escorreu no tapete. Ruborizando se até as bolas, ele abaixou.

— Não dispare! Jesus, não dispare. Pegue qualquer coisa que você quiser. Qualquer coisa. Nada é meu.

— NYPSD⁵¹, — falou Eve — No chão, de barriga para baixo, mãos detrás da cabeça. Agora!

— Sim, senhora, sim, senhora. — Quase se mergulhou no tapete — Não fiz nada. — Ele se estremeceu quando Eve arrastou suas mãos e o revistou —. Eu só ia encontrar me com a Sunny. Ela me disse que estaria bem..

— Quem diabos é você?

— Jimmy. Jimmy Ripsky. Vou à universidade com Sunny. Estamos em férias de inverno. Ela me disse que seus pais estariam fora da cidade por uns dias e poderíamos usar o lugar.

Eve guardou sua arma com desgosto. O moço tremia como uma folha.

— Lhe consiga uma manta ou algo, Dalrymple. Não é nosso homem. — Levantou-o e houve bastante compaixão nela para não sacudi-lo antes de lhe fazer gestos para uma cadeira — nos conte a história completa, Jimmy.

— Isso. Pois... — agachando-se com vergonha, cruzou seus braços sobre suas pernas — Sunny e eu temos, como, um assunto.

— E quem é Sunny?

— Sunny Polinsky. Sheila, adivinho. Todos a chamam de Sunny. Esta é a casa de seus pais. O pai dela vai me matar se ele descobrir.

— Ela te chamou?

— Sim. Bom, não. — Ele olhou para cima desesperado e com gratidão quando Dalrymple entrou com uma manta —. Recebi um e-mail dela esta manhã e um pacote. Dizia que seus pais se foram para o sul esta semana e que devia vir esta noite. Sobre a meia-noite, que entrasse eu mesmo com a chave que me tinha enviado. E eu, um, você sabe, devia ficar a vontade. — Colocou a manta ao redor de suas pernas —. Disse que estaria aqui á meia noite e trinta e eu, pois, deveria esperá-la na cama. — Umedeceu seus lábios — Era bonito, certamente do estilo do Sunny.

— Ainda tem o e-mail? O pacote em que veio a chave dentro?

— Joguei o pacote no reciclador, mas tenho o e-mail. Imprimi. É... é por precaução, sabe?

— Certo. Detetive chame o seu parceiro e a minha ajudante.

— Hum, senhora? — Jimmy começou quando Dalrymple se deu a volta afastando-se com seu comunicador.

— Dallas. Tenente.

— Sim, senhora, Tenente. O que está acontecendo? Sunny está bem?

— Está bem. Está com seus pais.

— Mas... disse que estaria aqui.

— Penso que outra pessoa lhe enviou aquele correio eletrônico. Alguém que quis que eu tivesse algo extra que fazer esta noite. — Mas ela se sentou, e tirou seu tele link — Vou comprovar sua história, Jimmy. Se tudo estiver bem, o Detetive Dalrymple vai arrumar que um policial lhe leve para casa. Você pode lhe dar o e-mail impresso e seu computador.

— Meu computador? Mas...

— É assunto policial, — disse depois — Você vai receber ele de volta.

— Bem, isso foi divertido, — disse Peabody quando Eve segurou de novo a porta.

— Um tonel de risadas.

— Pobre moço. Está mortificado. Pensava que teria o sexo de seus sonhos com sua garota, e consegue ser detido.

— O fato que por um momento conseguisse conservar a maior parte de sua modéstia me diz que o sexo de seus sonhos supera a realidade. — Ante o bufo do Peabody, Eve girou para o elevador — Sunny respaldou sua história de que estão juntos. Não que duvidasse disso. O moço estava muito assustado para mentir. Somente... Dave esteve mantendo-se à corrente das atividades sociais de seus objetivos. Conhece a família, os amigos, e sabe aproveitá-los.

Saiu do elevador, e cruzou o vestíbulo.

— Por ser um residente psiquiátrico em um presídio de máxima segurança,

conseguiu colocar suas mãos em todos esses dados.

Ela fez uma pausa na porta e simplesmente ficou um momento olhando para fora a neve fina, e constante.

— Recebeu a autorização para sair do planeta, Peabody?

— Claro. É uma exigência do trabalho.

— Correto. Bem, vá para casa e faça sua mala. Quero você a caminho de Rexa no primeiro transporte que possamos arrumar. Você e McNab podem comprovar as instalações, e encontrar a unidade em que Palmer teve acesso.

A alegria inicial ante a idéia de uma atribuição fora do planeta se fez cinzas em sua boca.

— McNab? Não preciso de McNab.

— Quando encontrar a unidade precisará de uma pessoa boa em eletrônica.

— Eve abriu a porta, e a rajada de frio refrescou o rubor zangado nas bochechas do Peabody.

— Ele é um pé no saco.

— Claro que ele é, mas sabe fazer seu trabalho. Se Feeney puder permitir-lhe será sua equipe fora do planeta. — Ela alcançou seu comunicador, tendo a intenção de interromper o sono de Feeney e pôr as coisas em andamento. Em troca um grito ao final da quadra lhe fez tirar sua arma.

Moveu-se rapidamente para o oeste, as botas ressonando na calçada escorregadia. Com um rápido gesto, assinalou ao Dalrymple que ficará em seu posto na caminhonete de vigilância.

Viu primeiro à mulher, envolta em uma elegante pele negra, aferrando-se a um homem com um casaco sobre um smoking. Ele estava tentando proteger o rosto dela e abafar sua boca contra seu ombro. O tom e o volume de seus gritos indicavam que não fazia muito bem o trabalho.

— Polícia! — Ele gritou quando viu o Peabody e Eve correndo para eles — Aqui está a polícia, querida. Meu Deus, meu Deus, o que acontece nesta cidade? Ele o atirou, lançou-o diretamente a nossos pés.

Eve o viu, era Carl Neissan. Seu corpo nu e quebrado de barriga para cima contra a beirada da calçada. Sua cabeça tinha sido raspada, notou, e a sensível pele raspada e queimada. Seus joelhos estavam fraturados, e sua língua sobressaía. Em torno de seu pescoço enegrecido, profundamente enterrada, estava a corda que era sua assinatura. E a mensagem esculpida em seu peito ainda vermelho e fresco.

INFORTÚNIO A VOCÊS TAMBÉM, ADVOGADOS!

Os gritos da mulher tinham se transformado agora em gemidos. Eve c

tranqüilizou. Com os olhos no corpo, tirou seu comunicador.

— É Dallas, Tenente Eve. Tenho um homicídio.

Ela deu a informação necessária, logo virou para a testemunha masculina.

— Você mora por aqui?

— Sim, sim, no edifício da esquina. Estávamos indo para casa depois de uma festa quando...

— Minha ajudante vai levar a sua acompanhante para dentro, longe de tudo isto. Do frio. Necessitaremos de sua declaração. Eu apreciaria muito se ficasse aqui fora comigo durante uns minutos.

— Sim, é obvio. Sim. Querida. — Tratou de abrir as mãos de sua esposa ao redor de seu pescoço — Querida, você irá com a policial. Entrem agora.

— Peabody, — disse Eve suspirando — tire sua querida daqui, vê se consegue alguma informação dela.

— Sim, senhora. Senhora venha comigo. — Com alguns puxões firmes Peabody arrancou à mulher.

— Foi um choque, — ele prosseguiu — Ela é muito delicada, minha esposa. Está em estado de choque.

— Sim, senhor, estou segura que é assim. Posso obter seus nomes, por favor?

— O que? OH, Fitzgerald. George e Maria.

Eve conseguiu os nomes e o endereço para o registro. Em uns minutos teria que tratar com uma multidão, sabia. Inclusive fatigado os nova-iorquinos se juntariam ao redor de um corpo morto e nu na Avenida Madison.

— Poderia... senhor, olhe para mim, — ela acrescentou quando ele seguiu olhando fixamente o corpo. Ia ficando ligeiramente verde — Olhe para mim, — repetiu — e tente me dizer exatamente o que aconteceu.

— Foi tudo tão rápido, tão chocante. — A reação começou a manifestar-se, mostrando-se no modo que sua mão tremeu quando a pressionou em seu rosto —. Acabávamos de vir da casa dos Andersons. Tinham uma festa pelas datas esta noite. Era só uma quadra, assim estávamos caminhamos. Terminávamos de cruzar a rua quando houve um chiado de freios. Apenas lhe emprestei atenção... você sabe como é.

— Sim, senhor. O que viu?

— Dei uma olhada para trás, só por reflexo, suponho. Vi um carro escuro... preto, acredito. Não, não, não um carro... um daqueles utilitários. Um esportivo. Deteve-se aqui mesmo. Aqui mesmo. Você ainda pode ver os sinais da derrapagem na neve. E logo a porta se abriu. Ele empurrou... quase jogou este pobre homem, diretamente a nossos pés.

— Viu o condutor?

— Sim, sim, claramente. Esta esquina está muito bem iluminada. Era um homem jovem, bonito. Cabelo curto. Ele sorriu... sorriu-me enquanto abria a porta. Porque eu acredito que lhe devolvi o sorriso. Ele tinha o tipo de rosto que nos faz sorrir. Estou seguro que poderia identificá-lo. Estou seguro disso.

— Sim. — Eve suspirou, olhou o vento golpeá-lo enquanto os primeiros policiais chegavam à cena. Quis que lhe vissem, não, Dave? — pensou. — E quis que eu estivesse perto, muito perto, quando deixara ao Carl.

— Pode ir para dentro com sua esposa, Sr. Fitzgerald. Estarei em contato.

— Sim, é obvio. Obrigado. Eu... é a semana de Natal, — disse ele com honesta perplexidade em seus olhos—. Você vive na cidade, sabe as coisas terríveis que podem e passam realmente. Mas é a semana do Natal.

— Alegria ao mundo, — Eve murmurou quando ele se afastou. Girou e ordenou que os policiais preservassem a cena e preparassem a equipe de peritos. Logo se inclinou ao lado do Carl e se pôs a trabalhar.

Capítulo Nove

Eve passou a maior parte das trinta horas seguintes retrocedendo, procurando a ação que seguramente havia perdido. Com Peabody fora do planeta, fez o trabalho ela mesma, dirigindo novas buscas e explorações, compilando dados, estudando as informações.

Passou pessoalmente tanto pela casa onde Justine e sua família se encontravam protegidas e a casa de Mira. Ela checkou os controles de seus braceletes de segurança para confirmar que estavam funcionando perfeitamente.

Ele não podia chegar a eles, assegurou-se enquanto caminhava para seu escritório. Com eles fora de alcance, não teria outra opção, além de vir atrás dela.

Jesus, queria que viesse por ela.

Era um erro, sabia que era um erro, fazer uma batalha pessoal. Mas podia ver seu rosto de forma tão clara, e ouvir perfeitamente sua suave voz.

Mas veja Tenente Dallas, o trabalho que faz não é nada mais que um recurso provisório. Não muda nada. Por mais criminosos que prenda hoje, haverá muitos mais amanhã. O que faço muda tudo. As respostas a perguntas que cada ser humano se faz. Quanto é muito, quanto aceitará a mente, tolerará, agüentará, se o fizer, antes que se apague? E antes que isso aconteça, que pensamentos, que impulsos passam pela mente enquanto o corpo morre?

A morte, Tenente, é o foco de seu trabalho e o meu. E enquanto ambos nos recreamos da brutalidade que vai com ela, ao final terei minhas respostas. Você só terá mais perguntas.

Só tinha uma pergunta agora, pensou. Onde está, Dave?

Virou-se de novo para seu computador.

— Ligar, abrir arquivo Palmer, H3492-G. Dê referências cruzadas dos arquivos e dados pertencentes ao David Palmer. Procurar probabilidade. Qual é a probabilidade de que Palmer, David, resida agora na cidade de Nova York?

Trabalhando.... Utilizando os dados atuais a probabilidade é de noventa e sete, ponto seis que o sujeito Palmer agora resida na cidade de Nova York.

— Qual é a probabilidade de que o sujeito Palmer resida em uma casa particular?

Processando... Probabilidade de noventa e cinco ponto oito que o sujeito Palmer resida em uma casa particular neste momento.

— Dada a posição dos três objetivos restantes do sujeito Palmer, a qual indivíduo tentará seqüestrar a seguir?

Trabalhando... A probabilidade mais forte é para o objetivo Dallas, Tenente Eve. As tentativas em objetivos Polinsky e Mira são ilógicos dado o estado atual.

— Isso é o que você está esperando.

Girou sua cabeça. Roarke estava de pé na porta entre seus escritórios, olhando-a.

— Conto com isso.

— Por que não está usando um bracelete localizador?

— Não tem nenhum que combine com minha roupa. — endireitou-se, girando para enfrentá-lo — sei o que faço.

— Sabe? — Cruzou seu olhar com ela — Ou está se arriscando muito? Ele está te afetando, Eve. Transtornou seu senso de equilíbrio. Chegou a ser quase pessoa para você.

— Sempre é pessoal.

— Possivelmente. — Ele esfregou seu polegar justo em cima da maçã do seu rosto esquerdo. Seus olhos estavam sombreados, e seu rosto pálido. Estava, sabia, funcionando com nervos e determinação nesse momento. Tinha-o visto antes — Em qualquer caso, dificultou seu trabalho. Não tem ninguém agora.

— Não esperará por muito tempo. Não necessito da análise do computador para me assinalar isso. Temos menos que quarenta horas para finalizar o ano. Não quero começar o novo sabendo que está aí fora. Ele não irá querer começá-lo sem mim.

— Eu tampouco.

— Não terá que fazê-lo. — Como sentiu que ele precisava dela, inclinou-se, e cobriu sua boca sobre a sua — Temos um encontro.

— Me recordo disso.

Quando começou a afastar para trás, deslizou seus braços ao redor dela, aproximando-a.

— Não tive o bastante. — murmurou, e disparou seu sangue com um beijo duro e faminto.

Por um momento foi tudo o que houve. Seu sabor, a sensação dele pressionado contra ela, a necessidade que criavam um no outro uma e outra vez fazendo irromper dentro dela.

Entregar-se a ele, e a ela, era tão natural como respirar.

— Roarke, lembra como na véspera do Natal nos despimos e nos voltamos loucos?

— Humm. — Moveu sua boca ao ouvido, e a sentiu tremer — Acredito que me lembro de algo.

— Bem, se prepare para reviver na véspera do Ano Novo. — Retirou sua cabeça, emoldurando seu rosto quando riu dele — Decidi que será uma de nossas tradições de dia de festa.

— Sinto-me muito aficionado à tradição.

— Sim, e sim me sinto muito mais aficionada agora mesmo, não vou fazer meu trabalho, então...

Se afastou para longe dele quando seu comunicador emitiu um sinal sonoro e quase o atirou.

— Dallas.

— Tenente. — O rosto de Peabody emergiu, afastou-se, emergiu outra vez, e logo voltou de modo instável.

— Peabody, sua transmissão é pobre ou cresceu em você um segundo nariz.

— A equipe daqui está pior que a que temos na Central. — O áudio se escutava como um vaio de serpente estático — E não quero nem sequer falar do alimento. Quando planejar suas próximas férias, se afaste de Rexal.

— Ela estava no topo da minha lista. O que você conseguiu?

— Acredito que acabamos de agarrar uma fuga. Detectamos ao menos uma unidade a que Palmer teve acesso. Está na capela. Convenceu ao capelão que tinha encontrado a Deus, que queria ler as Escrituras e escrever um livro inspirado na salvação.

— Glória Aleluia. McNab pode acessar os seus arquivos?

— Ele diz que pode. Fique quieto, McNab. — Peabody girou sua cabeça. O fato de que seu rosto se converteu em uma cor laranja forte pode ter sido por seu humor ou a interferência espacial — Eu estou dando este relatório. E informo senhora, é que o detetive McNab continua sendo uma grande dor no traseiro.

— Anotado. O que ele tem até agora?

— Ele encontrou os arquivos no livro que Palmer utilizava para impregnar ao pregador. E afirma que trabalha sob os níveis. Ouça!

O zumbido aumentou e a tela se turvou com cor, linhas, e figuras. Eve pressionou seus dedos em seus olhos e rezou por paciência.

A cara alegre e atraente de McNab surgiu. Eve notou que ele usava seis minúsculos aros de prata em uma orelha. Portanto não tinha decidido atenuar sua aparência para uma visita ao centro de reabilitação.

— Dallas. Este tipo entende de eletrônica, de forma que tomou precauções básicas com seus dados pessoais, porem... vamos pegá-lo nesta caminhada, corpo sexy, esta é minha área. De todos os modos Tenente estarei descartando o excesso agora. Tem o material metido sob sua aclamação de Louvor ao Senhor. Não tomará muito tempo para começar diferenciá-lo. O problema, além dos constantes gemidos de sua ajudante, é a transmissão. Temos uma merda de equipamento aqui e uma tormenta de meteoritos ou algum feliz acontecimento de merda. Isso causará alguns problemas.

- Você pode trabalhar em uma unidade de transporte?
- Ah... Posso. Por que não?
- Confisca uma unidade, pegue o primeiro transporte de volta. Me informe sua rota.
- Uau, isso que é uma gelada. Confiscar. Ouviu isso, corpo sexy? Vamos confiscar este pequeno bastardo.
- Comece. — exigiu Eve — Se eles lhe derem algum problema, peça para que entrem em contato comigo. Dallas saindo.

* * *

Eve se dirigiu para Central de Polícia fazendo três paradas desnecessárias pelo caminho. Se Palmer fosse fazer algum movimento para ela, o faria na rua. Ele sabe que jamais seria capaz de romper a segurança da fortaleza de Roarke. Mas não notou nenhum rastro, nenhuma sombra.

Não obstante, não o sentiu.

Ele iria para ela na central? Perguntou-se enquanto se deslocava até o setor do DDE para consultar com o Feeney. Ele tinha usado um disfarce de policial para chegar até o Carl. Poderia utilizá-lo outra vez, meter-se no edifício que era parecido com um labirinto, e misturar-se com os policiais.

Seria um risco, mas um risco assim aumentaria o entusiasmo, a satisfação.

Estudou os rostos enquanto passava. Deslizando-se como uma brisa, corredor abaixo, além dos cubículos e escritórios.

Uma vez que já tinha atualizado ao Feeney e pedido que consultasse com o McNab na unidade a caminho, tomou um atalho por um elevador particular para fazer a viagem ao escritório do Comandante Whitney.

Passou a manhã movendo-se pelo edifício, o convidando para uma confrontação, logo percorreu as ruas pela tarde.

Voltou a examinar as casas que Peabody e ela tinham inspecionado. Permanecendo exposta. Comprou um café horrível em um carrinho de rua, ocioso no frio e a fumaça das salsichas assadas na churrasqueira.

Que diabos ele estava esperando? Ela pensou com desagrado, ao jogar a xícara de café em um recipiente de reciclagem. O som da aceleração de um motor a fez dar uma olhada sobre seu ombro. E olhou diretamente aos olhos de Palmer.

Estava sentado em seu carro, sorriu-lhe, e lhe lançou um beijo emocionado. Mas enquanto ela saltava para frente, elevou-se verticalmente, acelerou e passou como um raio para o sul.

Saltou em seu carro, indo pelo ar enquanto chiava afastando-se da calçada.

— Central, Dallas, Tenente Eve. Todas as unidades, todas as unidades no arredores de Park e Oitenta respondam. Estou em perseguição por terra e ar com um suspeito de assassinato. O veículo é um Booster-6Z preto, número de matrícula de Nova York Delta Zero 4821, temporário. Direção sul por Park.

Central, Dallas. Recebido e confirmado. Unidades enviadas. O veículo do sujeito está em contato visual?

— Não. O veículo do sujeito foi em direção da Park e Oitenta, dirigindo-se para o sul em alta velocidade. O sujeito deve ser considerado armado e perigoso.

Registrado.

— Para onde vai, aonde vai, pequeno filho da puta? — Eve golpeou o volante com seu punho quando baixou relampejando por Park, rodeando as ruas cruzadas, limitadas atrás —. Muito rápido — grunhiu — Baixou muito rápido. Seu buraco tem que estar por perto.

Estacionou e fez todo o possível para controlar seu temperamento, usar sua cabeça e não suas emoções. Dirigiria a busca outros trinta minutos, embora já tivesse decidido que era inútil. Tinha metido o veículo em uma garagem uns minutos depois de que o tivesse localizado. Depois de haver se assegurado que o tinha seguido.

Isso significava homens destinados a cada instalação de estacionamento em três setores. Público e privado. E com o orçamento, levaria dias. O departamento não disponibilizaria mão de obra necessária para obter o trabalho um pouco mais rápido.

Ficou estacionada onde estava no caso de Palmer tentar outra brincadeira. Depois de abortar a busca, ela mesma varreu todos os setores, trabalhando com frustração antes de voltar para casa pela escuridão e o tráfico enrolado.

Não se incomodou em rodear ao Summerset, embora ela lhe deu uma ampla oportunidade. Em troca, tirando-se o gato que rodeava suas pernas, subiu a escada. Sua intenção era tomar uma ducha abrasadoramente quente, beber um galão de café, e voltar a trabalhar.

Sua realidade foi cair de barriga para baixo na cama. Galahad subiu sobre suas costas, amassou com seu modo de consolar, enroscou-se, e fez guarda com seus olhos fixos na porta.

Assim foi como Roarke os encontrou uma hora mais tarde.

— Eu vou assumir a partir daqui — murmurou, dando ao gato uma rápida carícia entre as orelhas. Mas quando começou a pôr uma manta sobre sua esposa, Eve se moveu.

— Estou acordada. Só estou...

— Descansando seus olhos. Sim, sei. — Para mantê-la de barriga para baixo.

Roarke se estirou ao seu lado, lhe afastando o cabelo de sua bochecha — Descanse um pouco mais.

— Eu o vi hoje. O filho de puta estava a três metros de distância, e o perdi. — Fechou seus olhos outra vez — Quer me anular para que assim deixe de pensar Talvez o fiz, mas agora estou pensando.

— E o que você está pensando, Tenente?

— Que estive contando muito com o fato de conhecê-lo, de ter estado dentro de sua cabeça. Estive rastreando-o sem analisar um elemento vital.

—O que é?

Abriu seus olhos outra vez.

— Ele é maluco, porra. — girou-se, contemplando a janela e a escuridão mais à frente — Não se pode predizer a sua insanidade. Independentemente da maneira que escolha chamá-lo, trata-se de loucura. Não é físico, não há nenhuma razão psicológica. Só o é. Ele apenas é. Estive tratando de predizer o imprevisível. Por isso sigo fracassando. Não é seu trabalho esta vez. É vingança. Os outros nomes da lista são secundários. Sou eu. Ele precisa deles para chegar até mim.

— Já tinha concluído isso.

— Sim, mas o que não concluí, e o que concluo agora, é que ele está disposto a morrer, enquanto me elimina. Não tem intenção de voltar para a prisão. Vi seus olhos hoje. Já estavam mortos.

— O que só o faz mais perigoso

— Tem que encontrar um modo de chegar até mim, nesse momento tomará riscos. Mas não se deixará apanhar antes que tenha terminado comigo. Necessita uma isca. Uma boa isca. Ele deve saber sobre você. — Sentou-se agora, jogando o cabelo para trás —.Quero que use um bracelete.

Ele levantou uma sobrancelha.

— O farei se você também o fizer.

Um músculo saltou em sua bochecha quando apertou seus dentes.

— Expressei-me incorretamente. Você vai usar um bracelete.

— Acredito que essas coisas são voluntárias a menos que o sujeito tenha cometido um delito. — incorporou-se, e agarrou seu queixo com a mão — Não chegará a ti através de mim. Isso posso lhe prometer. Mas se esperas que eu use um acessório da NYPSD, terá que usar um para fazer par comigo. E já que não vai fazê-lo, não acredito que esta conversa tenha alguma finalidade.

— Maldição, Roarke. Posso te colocar sob custódia preventiva. Ordenar para bloquear todas suas comunicações, te ter à sombra...

—Não, — interrompeu-a, e a enfureceu beijando-a ligeiramente —. Não pode. Meus advogados sacudiriam por toda parte suas autorizações. Pare. — Apertou seu

queixo antes que ela pudesse amaldiçoá-lo outra vez. E esta vez não houve nenhum beijo rápido, nenhuma piscada de diversão em seus olhos — Você sai cada dia para fazer um trabalho que te põe constantemente em perigo físico. Não te peço que mude. É um dos motivos pelos que me apaixonei por você. Por quem é que o faz, por que o faz. Não te peço que mude, — repetiu — Não me questione.

— É só uma precaução.

— Não, é uma rendição. Se fosse menos, estaria usando você mesma.

Ela abriu sua boca, fechou-a outra vez, logo o afastou de um empurrão e se levantou.

— Odeio quando tem razão. Na verdade o odeio. Vou tomar uma ducha. E nem se quer pense se unir a mim e tentar algo porque não estou muito feliz com você neste momento.

Ele simplesmente estendeu a mão, agarrou-a, e a atirou de volta à cama.

— Se atreva a dizer isso outra vez em cinco minutos, — desafiou-a e rodou em cima dela.

Não disse nada em cinco minutos, logo que podia falar em trinta. E quando finalmente tomou banho, seu sangue ainda rugia. Decidiu que era mais sensato não comentar como tomou ali mesmo. Isso só apelaria a sua veia competitiva.

Guardou silêncio, e saiu da ducha para o tubo secante. O que lhe deu uma perspectiva muito agradável. Permitiu-se a si mesma relaxar o bastante para desfrutar disso, olhando os jorros de água que pulsavam e golpeavam sobre Roarke enquanto o ar quente formava redemoinhos a seu redor.

Voltou para seu dormitório, vestindo só um antigo moletom da NYPSC pensando em um café e uma longa noite de trabalho quando seu tele link soou. Vagamente irritada com uma chamada pessoal, arrancou-o de onde o tinha atirado na mesa de cabeceira.

— Dallas.

— Foi agradável verte hoje. Em pessoa. Cara a cara.

— Olá, Dave. — Com sua mão livre, alcançou seu bolso, ligou seu comunicador, e conectou o código do Feeney — Bonito carro.

— Sim, eu gosto muitíssimo. Rápido, eficiente e espaçoso. Parece um pouco cansada, Tenente. Um pouco pálida. Esgotada com muito trabalho, como de costume? Que terrível que não tenha podido desfrutar das festas.

— Tiveram seus momentos.

— As minhas foram muito proveitosas. — Sua atrativa cara brilhou com um sorriso — É tão bom voltar para o trabalho. Contudo realmente consegui manter minha destreza enquanto estava longe. Mas entre você e eu — estou seguro que estaremos de acordo — sabe que não há nada como Nova York. Nada como estar

em casa e fazendo o que mais amamos.

— Que terrível que não seja capaz de ficar por muito tempo.

— OH, tenho a intenção de estar aqui o tempo suficiente para ver a celebração em Teme Square amanhã de noite. Anunciando o ano novo. De fato, espero que o vejamos juntos.

— Lamento-o, Dave. Tenho outros planos. — Pela extremidade do olho, viu o Roarke sair do banho. Observou-o manter-se fora de vista, movendo-se diretamente para o computador do dormitório, e começar a trabalhar manualmente.

— Acredito que os trocará. Quando souber a quem mais convidei para a festa. A escolhi recentemente. Você deve estar recebendo em breve uma chamada dos guardas destacados. A polícia não ficou mais preparada desde que fui. — Soltou uma risada encantadora — Preparei um pequeno vídeo para você, Dallas. De uma olhada. Entrarei em contato mais tarde para te dizer o que tem que fazer para mantê-la viva.

A imagem mudou. O sangue lhe congelou quando viu a mulher na jaula Inconsciente, pálida, com sua mão magra pendurando através das barras.

— A ligação foi transmitida a partir de um tele link público. — disse-lhe Roarke — Grande Central.

Fracamente ouviu o Feeney lhe dar a mesma informação por seu comunicador. As unidades já estavam a caminho para a localização.

Ele já teria ido. É obvio, sabiam que já tinha ido embora.

— Ele tem a Mira. — Foi todo que conseguiu dizer — Ele tem a Mira.

Capítulo Dez

O pânico quis dominar. Avançou lentamente por seu ventre, serpenteou acima por sua garganta. Fez que suas mãos se sacudissem até que as empunhou.

Quis tragá-lo enquanto se movia pela casa de Mira, quando encontrou o bracelete de segurança quebrado no chão de seu escritório.

— Utilizou instrumentos de laser. — Sua voz estava firme e fria quando ensacou o bracelete — Ele antecipou que ela estaria usando um e trouxe o necessário para tirá-lo

— Os técnicos e os médicos estão examinando os guardas. Os dois de fora só estão atordoados. Mas um da equipe de dentro não está bem. — Feeney ficou agachado ao seu lado — Parece que Palmer entrou por atrás, evitou o sistema de segurança como um profissional. Golpeou a um guarda na cozinha, usou um atordoante para nocauteá-lo rápido e sem ruído. Vendo como ficou a área de estar, o segundo lhe deu mais problemas. Lutaram naquele lugar. Mira devia estar aqui em cima. Devia estar trabalhando de porta fechada, não deve ter ouvido nada. O quarto é totalmente a prova de som.

— Então passa pela segurança, a quatro experientes policiais, entra diretamente, destrói seu bracelete, e sai tão alegre com ela. O subestimamos, Feeney. — E por isso se culparia sempre — Ele não é o mesmo a quando o apanhe antes. Estudou, aprendeu, manteve sua condição física. Fez bom uso dos três anos em sua cela.

— Ela sabe como trabalha sua mente. — Feeney pôs sua mão em seu ombro — Mira sabe tratar com a essa classe de tipos. Utilizará isso. Se manterá fria e o dirigirá.

— Ninguém sabe de perto como trabalha sua mente na atualidade. Como pensei foi parte do problema desde o começo. Estou fodida, Feeney, e Mira vai pagar por isso.

— Você está errada. É estúpido pensar desse modo neste momento.

— Pensei que poderia utilizar o Roarke como isca. Porque se estivesse estado me estudando sabe que isso poderia me prejudicar muito. — Suspirou lentamente quando se levantou — Mas me conhece melhor do que pensei. Sabe que ela é importa pra mim.

— E contará com isso para te anular. Você vai deixá-lo?

— Não. — Inspirou outra vez, e exalou — Não. Preciso de McNab para encontrar alguma coisa solta. Qual é seu tempo estimado de chegada?

— Amanhã ao meio-dia. Tiveram algumas demora com o transporte. As

transmissões estão cheias de pontos luminosos, mas consegui que está escavando no financeiro.

— Envia o que tem a minha unidade de casa. Trabalharei dali.

— Queremos intervir no seu comunicador.

— Sim, ele terá deduzido isso, mas o faremos de todos os modos. —

Encontrou os olhos do Feeney—. Seguiremos todos os passos.

— Nós a resgataremos, Dallas.

— Sim, nós o faremos. — Girou o bracelete selado em sua mão — Se lhe fizer mal, eu o matarei. — Levantou seu olhar fixo outra vez — Independentemente da linha que tenha que cruzar, o matarei.

Quando saiu, Roarke a esperava. Não tinha discutido quando ele tinha vindo com ela e só podia estar agradecida de que a levasse pra casa, assim sua mente podia estar livre para pensar.

— Feeney vai enviar-me uns dados, financeiros — começou quando entrou no carro — Você será capaz de encontrá-los mais rápido. A equipe forense passará pela casa de Mira, mas não terá deixado muito, se não nada. De todos os modos, não estamos procurando sua identidade. Peabody e McNab não estarão de volta até manhã ao meio dia, assim trabalharemos com o que possam nos enviar enquanto estão a caminho.

— Olhei os alarmes e a segurança. É um sistema muito bom. Usou uma unidade sofisticada de ponte para tirá-la sem acionar o contato. Não é algo ao que um cidadão médio possa acessar facilmente. Posso te ajudar a rastrear a fonte.

— Não importa neste ponto. Mais tarde podemos tratar com isso. É só outro fio que deixou pendente, calculando que perderia tempo atirando dele e não conseguiria nada.

Esfregou-se detrás de seus olhos pela dor de cabeça.

— Tenho policiais desdobrados. Um dos vizinhos poderia ter visto ou ouvido algo. É inútil, mas é o costume e poderíamos ter sorte.

Fechou seus olhos, e se obrigou a pensar apesar do medo.

— E ela tem até manhã, a meia-noite. Dave deseja certa tradição e simbolismo. Quer dar as boas vindas ao ano novo comigo, e a necessita para me ter lá.

Sua voz era muito fria, pensou Roarke. Muito controlada. Tinha visto uma ponta de pânico, e pena em seus olhos. Deixou-a manter o controle enquanto chegavam em casa, logo caminhou diretamente para seu escritório e solicitou todos os arquivos necessários.

Acrescentou dados de cópia impressa ao relatório de investigação que tinha estabelecido. E quando trocou a foto de Mira de uma área a outra, seus dedos tremeram.

— Eve. — Tomou seus ombros, e a virou — Deixe-a de fora.
— Não posso. Não fale comigo.
— Não pode trabalhar assim. — Ele a apertou mais forte quando tratou de afastar-se de um puxão — Se solte. Se solte — disse em um tom mais suave—. Sei o que ela significa para você.
— Deus. — Envolveu seus braços ao redor dele, frisando suas mãos sobre seus ombros enquanto pressionava seu rosto em seu pescoço — OH, Deus. Me abrace. Só por um momento, me abrace.
Seu corpo tremeu uma forte onda de tremores uma atrás da outra. Não chorou, mas respirou com dificuldade enquanto ele a mantinha abraçada.
— Não posso pensar no que poderia lhe fazer. Se pensar nisso, a perderei.
— Então pense que ela é forte, e esperta. Saberá o que tem que fazer.
— Sim. — Seu comunicador sinalizou dados recebidos —.Esses serão os dados financeiros.
— Começarei com eles. — Acariciou suas costas — Ele não ganhará este rund.
— Certo, maldito seja.

* * *

Trabalhou até que seus olhos e mente se nublaram. Logo se abasteceu de combustível com café e trabalhou um pouco mais. Só depois das duas da manhã, Feeney lhe enviou mais dados. Isso lhe disse que ele, Peabody, e McNab estavam ainda trabalhando.

— Basicamente, — disse Roarke —isto só confirma o que já temos. As contas, as transferências. Tem que encontrar mais. Tem que olhar de um ângulo diferente.
— Deu uma olhada para Eve oscilando em seus pés —. E tem que dormir.

Ela teria discutido, mas teria sido perda de tempo.

— Ambos o faremos. Só um pouco. Podemos compartilhar a espreguiçadeira. Quero ficar perto desta unidade.

A cafeína em seu organismo não podia resistir ao esgotamento. Momento depois de fechar os olhos, caiu dormindo. Onde os pesadelos a perseguiram.

As imagens de Mira trancada em uma jaula se mesclaram e combinaram com lembranças dela sendo menina, trancada com chave em um quarto. O horror, a dor e o medo, existiam em ambos os lugares. Ele viria — Palmer, seu pai — viria e lhe faria mal porque podia. Porque desfrutava. Porque não podia detê-lo.

Até que o matou.

Mas inclusive assim retornou e lhe fez todo outra vez em seus sonhos.

Gemeu enquanto dormia, abraçada ao Roarke.

Foi o aroma do café e comida o que a despertou. Sentou-se de um pulo, piscando cegamente na escuridão, e se encontrou sozinha na cadeira. Entrou na cozinha e viu o Roarke já retirando os alimentos do Auto Chef.

— Tem que comer.

— Sim, está bem. — Mas foi por primeiro café — Pensei no que disse, olhá-lo de um ângulo diferente. — sentou-se, porque lhe assinalou uma cadeira, e comeu porque estava diante dela —.E se comprou ou alugou esse lugar antes de chegar a Nova York? Faz um, ou dois anos?

— É possível. Ainda não encontrei nenhum pagamento.

— Tem que estar ali. Em algum lugar. — Ouviu o som de seu tele link do outro quarto e se levantou — Permanece aqui, farei o que posso para rastreá-lo.

Deliberadamente se moveu detrás de seu escritório, sentou-se, e compôs sua cara.

— Dallas.

— Bom dia, Tenente. Espero que tenha dormido bem

— Você também, Dave. — ela enrolou a mão sob a mesa.

— Bom. Quero que esteja descansada para nossa entrevista de esta noite. Tem, oh, vejamos, só dezesseis horas e meia para chegar aqui. Tenho plena confiança em você.

— Poderia me dizer onde está, assim poderíamos começar nossa entrevista mais cedo.

Ele riu, obviamente encantado com ela.

— E prejudicar a diversão? Acredito que não. Somos solucionadores de enigmas, Dallas. Você me encontra antes da meia-noite e a doutora Mira permanecerá absolutamente segura. Com a condição de que venha para me ver sozinha. Saberei se trouxer hóspedes não convidados, estarei totalmente seguro. Qualquer intruso e a boa doutora morre imediatamente e com uma grande dor física. Quero dançar com você, Dallas. Só com você . Entendido?

— Sempre foi entre você e eu, Dave.

— Exato. Vem sozinha, antes de meia-noite, e terminaremos o que começamos faz três anos.

— Não sei se ainda estará viva.

Ele só sorriu.

— Não saberá se sim ou se não. — E cortou a transmissão.

— Outro comunicador público. — lhe disse Roarke — Autoridade Portuária.

— Necessito da localização. Se não estiver lá antes da meia-noite, ele a matará — levantou-se, e passeou — Tem um lugar, um com completa segurança. Não está me enganando. Terá câmaras, dentro e fora. Sensores. Não teve tempo para pôr

todo isso em uma semana, assim o que o lugar veio equipado com eles ou os ordenou por cortesia do capelão da prisão.

— Podemos ter acesso a registros tributários, modelos, especificações. Levará tempo.

— O tempo está terminando. Começemos.

* * *

Em duas palavras ela soube que Peabody e McNab tinham aterrissado, e ordenou que trouxessem a unidade a seu escritório em casa. Ele estava perto, pensou outra vez, e nenhum deveria esbanjar o tempo trabalhando no centro.

No minuto que entraram, começou a resumir seu plano de ataque.

— McNab, se localize aí. Começa a comprovar finanças, transferências, transmissões, usando o nome do capelão. Ou em conjunto com o do Palmer. Peabody, ponha me em contato com o Whitney, solicita um rastreamento de todas as garagens privadas na área do suspeito. Quero policiais, para cada corpo fresco que possamos encontrar, aproximando-se das instalações públicas de estacionamento com ordens de confiscar e examinar todas as fitas de segurança da semana passada.

— Todos, Tenente?

— Até o último.

Moveu-se ao redor e pelo escritório do Roarke. Usando sua unidade auxiliar recuperou os dados, e os descarregou para investigá-los.

— Tenho as residências dos objetivos do Palmer em azul, — disse ao Roarke

— Processamos de médio a alto Manhattan, a população mais densa neste zona. Temos que nos concentrar em residências privadas em um raio de dez quadras. A menos que algo entre, descarte o que não se encaixe com este perfil.

Fez rodar seus ombros para aliviar a tensão, e fechou os olhos para esclarecer sua mente.

— Terá um porão. Provavelmente dois quartos acrescentados. Totalmente a prova de som e o mais provável com sua própria área de armazenagem de veículos. Tenho que olhar a armazenagem pública, mas arrumado que tem um próprio. Quer que o encontre, maldição, portanto não pode ser tão difícil. Quer que trabalhe nisso, mas não que falta. É só pessoal para ele, e sem mim... —acalmou-se, e girou ao redor.

— Ele precisa de mim. Jesus. Verifique meu nome. Verifique escrituras, hipotecas, locação usando meu nome.

— Aí está seu novo ângulo, Tenente, — murmurou Roarke enquanto ficava a

trabalhar — Muito bom.

— Ponha na tela, — solicitou enquanto se aproximava para parar-se detrás dele e o relógio. Quando seu nome apareceu com uma lista de contas e números de títulos jurou outra vez — Como diabos conseguiu todas essas propriedades?

— Não são dele, são suas.

— O que quer dizer minhas? Não possuo nada.

— Propriedades que eu transferi para o seu nome. — Roarke falou distraidamente enquanto continuava investigando.

— Transferiu? Para que diabos?

Ele lhe passou um dedo ligeiramente sobre seu anel de casamento e ganhou um murro no ombro.

— Que encantador.

— Devolve-o. Tudo.

— É complicado. Impostos. Realmente, faz-me um favor. Não, não há nada aqui que não seja teu. Tentaremos uma combinação de nomes.

Desejou terrivelmente enfurecer-se, mas não tinha tempo.

Encontraram três listras com o nome de David Dallas em Manhattan.

— Consegue as descrições das propriedades.

— Trabalho nisso. Demora um pouco para invadir a prefeitura.

Não mais que isso para o Roarke, notou Eve quando os dados apareceram na tela.

— Não, esse está no centro abandonado. Clube Sexual. Tenta o seguinte. — Agarrou a parte posterior de sua cadeira, apertando-a com impaciência — Está justamente fora da área do objetivo, mas possível. Guarda-o e se dirija ao último. Vá. — Quase sussurrou — Voltou para suas origens depois de tudo. Essa é a casa de seus pais. Comprou o lugar.

— Faz dois anos e meio, — confirmou Roarke — Usando o nome do David Dallas. Seu homem pensava no futuro. No futuro distante. Encontraremos contas com esse nome, ou uma conta que teve e fechou.

— A cinco quadras daqui. O filho de puta está a cinco quadras daqui. — inclinou-se, beijou a cabeça de Roarke, e saiu a passos largos de seu escritório —. O encontrei, — anunciou, e logo olhou sua unidade no braço —. Temos sete horas para planejar como detê-lo.

* * *

Ela entraria sozinha. Insistiu nisso. Consentiu em entrar com dispositivos eletrônicos de escuta. Acordou vigilância e respaldo em intervalos de meia quadra

rodeando a casa. Para a sorte se fixou a insígnia que Peabody lhe tinha dado, logo tinha esperado com crescente impaciência enquanto Feeney comprovava o transmissor.

— Está conectada, — disse-lhe — Nada do que encontrei pelo vídeo disco pode rastrear este pequeno e bonito microfone. Temos um chamariz, assim pensará que o encontrou e desativou.

— Bem pensado.

— Você tem que fazê-lo desta maneira. — Ele virou a cabeça para ela — Eu faria o mesmo. Mas melhor você entende que se eu ouvir algo que eu não goste, vou entrar. Roarke. — Retrocedeu quando Roarke entrou no quarto — Te darei um minuto.

Roarke cruzou para ela, e tocou com um dedo sua insígnia.

— Engraçado, você não se parece com o Gary Cooper.

— Quem?

Ele sorriu.

— Meia Noite, querida Eve, embora a hora se correu. Temos um encontro em algumas horas.

— Me lembro. Tenho presente a promessa. Posso fazê-lo.

— Sim. — Beijou-a brandamente — Sei. Dá minhas lembranças a Mira.

— Pode apostar. A equipe já está se deslocando neste momento. Tenho que ir.

— Te verei logo.

Esperou até que ela se foi, logo saiu e subiu por casualidade na unidade do Feeney.

— Irei com você.

Feeney se arranhou o queixo.

— A Dallas não vai gostar disso.

— É uma lástima. Passei as últimas horas estudando o esquema de segurança da casa do Palmer. Posso evitá-lo, por controle remoto.

— Pode, agora? — disse Feeney brandamente.

Roarke girou sua cabeça, e lançou ao Feeney um olhar direto.

— Não devo precisar mais de vinte minutos para consegui-lo.

Feeney apertou seus lábios e começou a conduzir.

— Verei o que podemos fazer a respeito disso.

Ela entrou nas dez. Era o melhor, tinha decidido não fazê-lo muito perto do prazo. A antiga casa de pedra avermelhada era encantadora, perfeitamente reformada. As câmaras de segurança e os sensores foram discretamente se localizados para não tirar mérito a sua sobriedade.

Enquanto caminhava para a porta estava segura que Palmer não a perdia de

vista. E que a estava agradando. Deu à câmara na alta uma breve olhada, logo dedilhou as fechaduras com seu código secreto.

Fechou a porta a suas costas, e ouviu o entalhe da fechadura automática novamente em seu lugar. Quando o fez, as luzes do vestíbulo se acenderam.

— Boa noite, Dallas. — A voz do Palmer se difundiu pelo inter-comunicador — Estou tão contente de que pudesse obtê-lo. Acabo de assegurar à Doutora Mira que você estaria aqui logo, então poderíamos começar nossa celebração de fim de ano. Ela está bem, a propósito. Agora, é só você tirar sua arma...

— Não. — disse casualmente enquanto avançava — Não me desarmarei, Dave, assim poderia me apanhar quando baixar a escada. Não insultemos um ao outro.

Ele riu.

— Bem, suponho que tem razão. Guarda-a. Tira-a. Ocupa-a. Está bem. S lembra, o destino da Doutora Mira está em suas mãos. Vem e se una a nós Tenente. Vamos dar uma festa.

Tinha estado na casa com antecedência, quando entrevistou os seus pais. Inclusive se a disposição básica não tivesse trocado, lhe teria tomado tempo estudar os planos. De todos os modos, não se moveu muito rápido, mas examinou com cautela em busca de armadilhas explosivas ocultas enquanto circulava pela casa.

Girou na cozinha, e abriu a porta do porão. O som de aplausos estalou em cima dela. As luzes estavam acesas. Podia ver serpentinas, balões, e decorações festivas.

Tirou sua arma e começou a descer.

Ele tinha champanhe resfriando no balde com gelo, e uns bonitos canapés estendidos em bandejas de prata em uma mesa coberta com uma colorida toalha.

E tinha Mira em uma jaula.

— Tenente Dallas. — Disse-lhe Mira tranqüilamente, embora sua mente gritava. Ela teve o cuidado de chamar Eve pelo título para manter seu relacionamento profissional e distante.

— Doutora. — Palmer estalou sua língua — Lhe disse que eu falaria. Tenente olhe este controle que tenho. Em seguida nos entenderemos o um ao outro, se pressionar este botão, uma corrente muito forte passará através do metal do lar temporário da doutora. E ela morrerá em segundos. Inclusive com sua arma completa, terei tempo de fazê-lo. Certamente, meu sistema nervoso reagirá de tal modo ao golpe que meu dedo se sacudirá involuntariamente, e a doutora, diremos, torrá.

— Bem, Dave, mas tenho a intenção de comprovar que a Doutora Mira está

ilesa. Ele lhe fez algum mal, Doutora?

— Não. — E tinha obtido até agora conter a histeria — Não me tem feito nenhum mal. E não acredito que o faça. Não me machucará não é verdade, David? Sabe que quero ajudá-lo. Entendo como foi difícil tudo isto para você, não tendo ninguém que aprecie tudo o que trabalhou para obter o êxito.

— Está fisicamente bem, verdade? — Ele disse a Eve — Tão tranqüila. Já que não quero lhe mostrar nenhuma falta de respeito... e notará que não lhe tirei sua roupa para nosso pequeno experimento... talvez você deveria dizer a ela para calar a boca. Não se importa, não é Dallas?

— Dave e eu temos que tratar isto, doutora Mira. — Eve se aproximou — Não Dave? Você e eu.

— Esperei isto por tanto tempo. Pode ver que tive muitos inconvenientes. — Gesticulou com sua mão livre — Talvez você gostasse de uma bebida, e uns aperitivos. Temos uma festa para celebrar. O final do velho, e o nascimento do novo ano. OH, e antes que intercepte o aparelho que está usando, diga a sua equipe de apoio que se alguém tenta entrar, ambas morrem.

— Estou segura que eles ouviram. E já têm ordens de ficar quietos. Disse que viesse sozinha. — recordou-lhe — Isso eu fiz. Eu sempre joguei direto com você.

— Assim é. Aprendemos a confiar o um no outro.

— Por que parar agora? Tenho um trato para com você, Dave. Um acordo. Eu por Mira. Você a tira dali, e a deixa ir, e eu entrarei. Terá o que quer.

— Eve, não o faça... — a calma de Mira começava a deteriorar-se.

— É entre o Dave e eu. — Manteve sua vista nele, sincera e fria — Isso é o que quer, não é verdade? Me por em uma jaula, assim como eu te pus em uma. Esteve pensando nisso por três anos. Esteve planejando-o, se trabalhando em excesso, e dispondo-o passo a passo. E fez um maldito bom trabalho esta vez. Deixa-a ir, Dave. Era só um chamariz, trouxe-me aqui a utilizando. Deixa-a ir e deixarei minha arma. Entrarei, e me terá na aula de jeito que sempre quis.

Ela deu outro passo para ele, olhando seus olhos agora, vendo-o considerá-lo. Desejá-lo.

— Ela é psiquiatra, e não tem o tipo de condição que eu tenho... no mental e fisicamente. Senta-se em seu consultório e bisbilhota nas mentes de outras pessoas. Se começar com ela, cairá rápido, e não te dará nenhuma satisfação. Pensa quanto viverei. Não só horas, dias. Talvez semanas se pode reter o equipe exterior tanto tempo. Sabe que isto vai finalizar aqui, para nos dois.

— Sim, estou preparado para isso.

— Só desta maneira pode conseguir sua vingança e terminar seu trabalho. Dois por um. Mas tem que soltá-la.

A música saiu estrepitosamente da unidade de entretenimento. Na tela os farristas em Teme Square se moviam como formigas febris.

— Deixa a arma agora.

— Me diga que temos um trato. — Conteve a respiração, levantou sua arma, e a apontou ao centro de seu corpo — Me diga que há um trato ou eu disparo. Ela se vai, mas viva. E perde de todas as formas. Pegue o negocio, Dave. Nunca conseguirá um melhor.

— Vou aceitar o trato. — Apesar de tremer de entusiasmo, passou-se uma mão sobre sua boca — Deixa a arma. Deixa-a e se afaste.

— Abaixei primeiro a jaula. Abaixei a ao chão, assim saberei suas intenções.

— Ainda posso matá-la. — Mas alcançou o console, e tocou um interruptor. A jaula começou a oscilar e baixar.

— Sei. Você manda. Só é um trabalho. Jurei protegê-la. Abre a jaula.

— Deixe a arma! — Ele gritou agora, levantando sua voz sobre a música e as ovações — Disse que a deixaria, faça-o agora!

— Bem. Temos um trato. — O suor se deslizou sob suas costas quando se inclinou para pôr a arma no chão — Não mata por capricho. É pela ciência. Abre a jaula e deixa-a ir. — Levantou suas mãos, com as Palmas abertas.

Com um sorriso resplandecente, agarrou um atordoante, e cravou o ar com ele.

— No caso de. Fique onde está, Dallas.

Seu coração começou a golpear outra vez quando ele deixou o controle abaixo, e oprimiu o botão para liberar as fechaduras.

— Infelizmente tem que abandonar a festa, Doutora Mira. Mas lhe prometo esta dança a tenente.

— Tenho que lhe dar uma mão. — Eve se agachou para tomar a mão de Mira — Seus músculos estão rígidos. Não teria vivido para você, Dave. — Deu-lhe à mão de Mira um duro apertão.

— Entra, entra agora.

— Logo que ela esteja livre. — Eve permaneceu agachada, e empurrou Mira afastando-a. Enquanto utilizava seu corpo como um escudo, teve tempo para registrar um movimento na escada, e logo sua arma estava em sua mão.

— Menti Dave. — Ela viu seus olhos girar com assombro, viu-o agarrar o controle, e baixar o atordoante. A multidão aclamou como louca quando sua rajada o alcançou totalmente no peito.

Seu corpo se sacudiu um baile rápido e obscuro. Ele tinha razão, notou, seu dedo se sacudia nervosamente. Pressionou convulsivamente o controle incluso enquanto caía sobre a jaula.

As faíscas começaram a cair, seu corpo tremeu enquanto arrastava Mira a um lugar espaçoso e se jogou sobre ela.

— Sua jaqueta pegou fogo, Tenente. — Com uma calma admirável, Roarke se inclinou e apagou a faísca que queimava o couro em seu ombro.

— Que diabo faz aqui?

— Só pegando a minha esposa para nosso encontro. — agachou-se brandamente e ajudou Mira a se levantar.

— Ele se foi. — murmurou para Roarke, e limpou as lágrimas de seu rosto — Não podia chegar a ele. Tentei-o, durante horas depois de que despertei nessa... nessa coisa. Mas não podia alcançá-lo. — Mira virou-se para Eve — Você podia, do único modo possível. Tive medo por você... — soltou-se, e sacudiu sua cabeça —. Tive medo de que aparecesse, e medo se por acaso não o fizesse. Deveria ter acreditado em que faria o que tinha que fazer.

Enquanto agarrava Eve em um forte abraço, e pressionava seu rosto contra o seu, Eve resistiu, só resistiu, logo a afastou, e lhe acariciou brandamente suas costas.

— Foi um esforço de equipe... incluindo este civil. Vá passar o Ano Novo com sua família. Preocuparemos-nos com a rotina mais tarde.

— Obrigado por minha vida. — Beijou o rosto de Eve, logo girou e beijou Roarke. E não começou a chorar outra vez até que estava lá em cima.

— Bem, Tenente, é um final muito apropriado.

Seguiu o olhar do Roarke, estudou ao Palmer, e não sentiu nada, só um tranqüilo alívio.

— Do homem ou do ano?

— De ambos. — Ele caminhou até o champanhe, cheirando-o enquanto c tirava do gelo —. Sua equipe está a caminho. Mas acredito que poderíamos ter um momento para um brinde.

— Não aqui. Não com isso. — Tomou a garrafa, e a voltou a deixá-la no gelo. Em um impulso, tirou a insígnia de sua blusa, e a fixou na sua —. A rotina pode esperar. Quero me reunir com meu presente.

— Aonde quer ir?

— Só pra casa. — Ela deslizou um braço ao redor de sua cintura, movendo-se para a escada enquanto os policiais começavam a descer —. Só pra casa, com você.

— Ouviu a multidão irromper com outra aclamação — Feliz ano novo.

— Não totalmente ainda. Mas o será.

Fim

Este *ePub* teve como base uma tradução em
Doc com:

Tradução de **Gisa**; pesquisas de **Yuna**, **Gisa**,
Mare e **Rosie**; revisão de **Madalena**.

Junho de 2014
LeYtor

^[1] Veja em “Natal Mortal”.

^[2] Divisão de Detetives Eletrônicos ou Divisão de Detecção Eletrônica

^[3] Ferrovia subterrânea ou aérea que circula pelas grandes cidades e as enlaça com os bairros extremos.

^[4] Cubos de carne adubada e cozinhada em um cravo pelo general com verduras.

^[5] Departamento de Polícia e Segurança de Nova York